



TRIBUNA DA NATUREZA

a vida selvagem nas quatro estações • ano 5 nº 20 outono 2004

1 PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA 1,3 EUROS

À DESCOBERTA DO DESFILADEIRO DO RIO DOBRA, PICOS DA EUROPA

CAMPANHA DE SALVAMENTO DE NINHOS DE
TARTARANHÃO-CAÇADOR NO ALENTEJO

DESAFIOS PARA A CONSERVAÇÃO DA GRANDE
BARREIRA DE CORAL



Cegonha-branca (*Ciconia ciconia*) © José Projecto

DESTAQUES DO OUTONO



CAMPANHA DE SALVAMENTO DE NINHOS DE TARTARANHÃO-CAÇADOR NO ALENTEJO

O Tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*) constrói os seus ninhos no solo, o que origina frequentes vezes a perda da postura ou crias por esmagamento quer por viaturas todo-o-terreno quer por maquinaria agrícola. O FAPAS, em parceria com o ICN, avançou em 2004 com um programa de salvamento de ninhos de Tartaranhão-caçador. João Carlos Claro faz o ponto da situação e divulga os primeiros resultados da iniciativa.

PROBLEMAS PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA NOS RECIFES DE CORAL

Um dos mais valiosos ecossistemas do planeta, a Grande Barreira de Coral, encontra-se desde há muito ameaçado por variados problemas ambientais. Surge uma esperança para a sua preservação, se um conjunto de medidas forem postas em prática. De visita à Austrália, Paulo Santos enuncia os problemas, as medidas de preservação previstas ou em curso e informa acerca de uma inesperada ameaça que o famoso personagem de animação Nemo trouxe à sua espécie...

DESFILADEIRO DO RIO DOBRA — ÁGUAS PROFUNDAS NO TECTO DA CORDILHEIRA CANTÁBRICA

Relatos de uma (re)descoberta da vertente ocidental do Parque Nacional dos Picos da Europa, em Espanha. Desfiladeiros, bosques, lagos, imponentes paisagens enriquecidas pela observação da fauna que as habita.

FICHA TÉCNICA

DIRECTOR | Miguel Dantas da Gama **REDACÇÃO** | Raul Lima - Editor · Paulo Caetano - Redactor Principal · David Torres · Francisco Álvares · João Carlos Claro · João Cosme Matos · Luís Rodrigues · Miguel Barbosa · Paulo Santos · Serafim Riem **DESIGN** | Cristina Dordio **ILUSTRAÇÕES** | José Projecto **ASSINATURAS/PUBLICIDADE** | Fernando Silva **COLABORARAM NESTE NÚMERO** | Inês Dantas da Gama · Jorge Nunes · Luísa Marques · Manuel Nunes **EDIÇÃO E PROPRIEDADE** | FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens **ENDEREÇO** | Rua Alexandre Herculano, 371 - 4º Andar Dto. - 4000-055 PORTO Tel. 22 200 24 72 - Fax 22 208 74 55 E-mail: fapas@mail.esoterica.pt Página web: www.fapas.pt **REGISTO ICS** | 123453 **DEPÓSITO LEGAL** | 146895/00 **TIRAGEM** | 3000 exemplares **IMPRESSÃO** | Inova Artes Gráficas
Publicação independente aberta a pessoas e instituições que se dedicam ao estudo e à defesa da vida selvagem. Tribuna da Natureza não é responsável pelas opiniões dos seus colaboradores quando manifestadas em textos devidamente assinados.

CAPA | Parque Nacional dos Picos da Europa · © Miguel Dantas da Gama, 2004

Os aniversários são uma ocasião propícia para se fazerem balanços. Isso mesmo reclama a **Tribuna da Natureza** que, com este número do Outono e respeitando a periodicidade estabelecida, completa cinco anos de publicação ininterrupta. Com a reserva que se impõe a quem julga em causa própria, destacamos o reconhecimento que nos tem sido transmitido pelo facto de se tratar de uma revista (portuguesa) muito especializada, editada por uma associação ecologista, assegurada por uma equipa de amadores. Com igual satisfação verificamos que os objetivos que nos motivaram a avançar com a ideia desta publicação continuam a orientar a sua linha editorial. Mantivemo-nos fiéis ao tema da conservação da natureza, relatando experiências de quem a ela se dedica e manifestando a opinião dos que não se conformam com a contínua degradação do nosso território, reflexo, sobretudo, do atraso cultural manifestado por uma sociedade que sistematicamente ignora ou desvaloriza o património natural do seu país.

A **Tribuna da Natureza** continua a ser possível graças ao empenho desinteressado de um pequeno grupo de colaboradores. Sem desmerecer da contribuição de todos os que, ao longo destes cinco anos, deram conteúdo

EDICIONÁRIO
INVERNO 2000
OUTONO 2004

aos vinte números editados, merecem uma especial referência os elementos que compõem um «núcleo duro» e que, trimestre após trimestre, têm assegurado a continuidade do projecto. Refiro-me a Cristina Dordão, a designer gráfica a quem devemos os maiores elogios a propósito do nível de qualidade

que muitos reconhecem na revista; a José Dias Marques, o autor da documentada série *Clássicos da Natureza*; a José Projecto, o ilustrador cujos trabalhos – alguns originais – constituem outro dos elementos que melhor identificam a **Tribuna da Natureza**; a Paulo Caetano, uma participação que reflecte a maior valia que é dispormos de um jornalista na nossa equipa; e a Luís Rodrigues e a Luísa Marques, fiéis ao projecto desde o início. Raul Lima, com quem partilho a coordenação de cada edição da **Tribuna da Natureza**, desempenha muitas tarefas que apesar de pouco visíveis, têm que ser asseguradas para que a revista se renove em cada estação. E, graças a ele, o **Mocho** não deixou de ter a sua *Hora* original.

Trata-se de um esforço que será melhor compensado quando a **Tribuna da Natureza** conseguir chegar a um maior número de interessados pelas questões que nela tratamos, o que passa por uma divulgação mais ampla da revista, implicando por sua vez apoios financeiros que se têm revelado de difícil obtenção – até porque em nenhum caso admitimos que os patrocínios angariados possam condicionar o perfil do nosso projecto, nomeadamente no que se prende com a vertente interventiva que a alguns tem incomodado.

Quem já nos acompanha pode dar uma ajuda, angariando novos assinantes, a melhor forma que neste momento dispomos para chegar a mais leitores. Para os que nos lêem e para os que, esperamos, venham a fazê-lo no futuro, trabalhamos já na edição deste Inverno, com que voltaremos desenvolvendo novos temas.

Barómetro da estação

A notícia do abate de um urso-pardo por caçadores na região de Aspe – vertente francesa da cordilheira pirenaica – é chocante. Tanto mais que se tratava da última fêmea adulta originária dos Pirinéus. Para tentar que a espécie não desapareça desta cadeia montanhosa, há cerca de uma década que está em curso um projecto de reforço da população, recorrendo a ursos provenientes da Eslovénia.


Os autores deste crime – uma afronta ao enorme esforço que se dispense para tentar salvar os ursos nesta região – argumentam que agiram em legítima defesa, já que o animal – que se encontrava com uma cria – terá atacado um cão e ameaçado o seu dono! Caçadores que estavam avisados da presença dos ursos na zona. É um acontecimento absurdo que nos revela o lado mais sinistro da caça. A este «desporto», inexplicável nos dias em que vivemos, vamos voltar, dando-lhe o destaque que a sua repulsa merece.

TEMPESTADE



DESFILADEIRO DO RIO DOBRA

águas profundas no tecto



E Escolhemos Oseja de Sajambre, uma pequena aldeia muito próxima de uma das «bocas» do Desfiladeiro de Los Beyos, para nossa base logística neste regresso aos Picos da Europa. Recordações de percursos cruzados pelas mesmas paragens há mais de dez anos acompanhar-nos-ão nos três dias em que nos vamos concentrar numa das mais escavadas e espectaculares depressões da Península Ibérica.

da cordilheira Cantábrica

TRIBUNA INTERNACIONAL TEXTO E FOTOS • Miguel Dantas da Gama

1º dia - 28 de Novembro de 2004

SOTO DE SAJAMBRE - CAROMBO - SOTO DE SAJAMBRE

O dia nasce cinzento e a chuva ameaça cair a qualquer momento. Deixamos Oseja em direcção a Soto de Sajambre, uma aldeia de fim de estrada, onde iniciamos a caminhada. Na ascensão ao Refugio de Vegabaño entramos no bosque de faias e azevinhos. O «hayedo» (faial) despido favorece a observação de um grupo de veados que se atravessa no nosso caminho. Sempre a subir, atingimos os prados do refúgio, deparando aí com um sério contratempo. Caçadores preparam-se para uma batida ao javali nos limites do Parque Nacional! A chuva miudinha que entretanto vai caindo é agora um mal menor. Ponderamos desistir. Mais inconformados ficamos quando um dos «desportistas» armados pede para nos desviarmos do percurso para que não lhes «estropiemos a caça»! Decidimos então avançar apesar de termos consciência do risco em que incorremos. Um pouco à frente, o som mágico do canto de um pica-pau-preto faz-nos regressar ao nosso mundo. Não tarda muito até que o avistamos, passando sobre nós acima das copas das árvores. Um dos dois amigos com quem viajo imita-lhe o piar e ele parece responder. Pouco depois volta a sobrevoar-nos.

Iniciamos a descida para Carombo, um bosque carregado

de azevinho e que já foi uma área importante de ocorrência do urso-pardo. Chove mais quando finalmente atingimos o Dobra, que atravessamos numa pequena ponte. Se subíssemos toda a vertente em que agora nos encontramos chegaríamos a Pena Santa de Castilla que, a 2596 metros acima do nível do mar, é o ponto mais elevado do Maciço Ocidental dos Picos da Europa. Tentá-lo, nesta altura, seria uma empreitada arriscada, quase impossível. A neve e o gelo tomaram conta destes cumes envoltos num perigoso nevoeiro. Abaixo dele pairam vários grifos. Está muito frio. Almoçamos num minúsculo refúgio junto ao rio. A chuva veio para ficar. Uma hora depois decidimos partir, regressando pelo mesmo trajecto. De novo na margem esquerda, trepamos a encosta pelo meio do bosque. Um corço foge à nossa frente. Pouco depois ouvimos um tiro. De novo o pesadelo da caça. A nossa ideia era chegar a Vegabaño pela base de Canto Cabronero (1998 metros), um cume que emerge do bosque. Decidimos não arriscar, já que a tarde esgota-se rapidamente e o risco de sermos confundidos com uma peça de caça é mesmo real. Atingimos Soto de Sajambre ao anoitecer, debaixo de uma chuva mais forte.

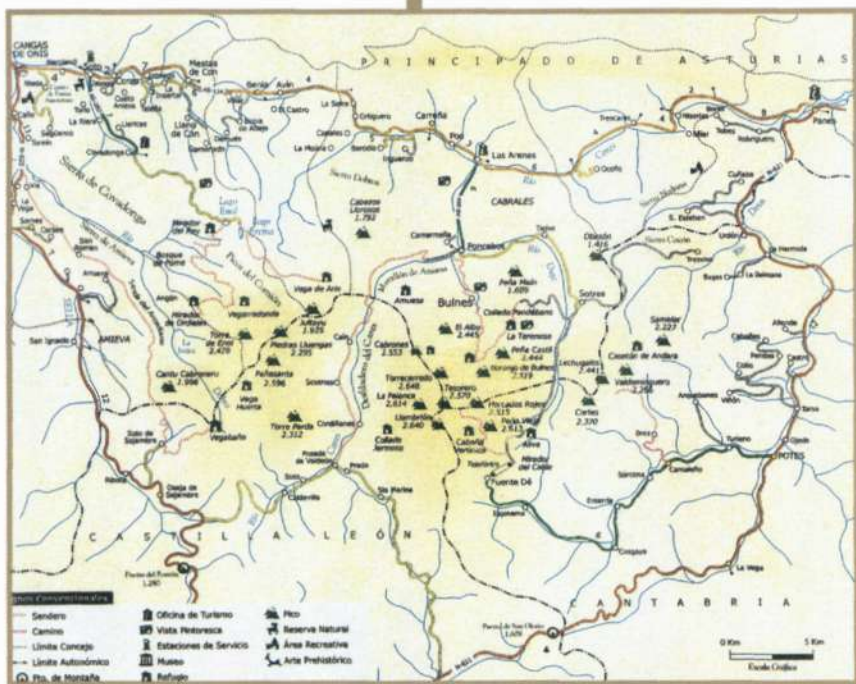
PARQUE NACIONAL PICOS DA EUROPA

Resultado do grande empenho com que D. Pedro Pidal, marquês de Villaviciosa, se bateu para que os cumes mais elevados da Cordilheira Cantábrica fossem protegidos e classificados, D. Afonso XIII declarou o Maciço Ocidental – ou El Cornión – dos Picos da Europa «Parque Nacional da Montanha de Covadonga», em 1918. O primeiro Parque Nacional criado em Espanha manteve-se assim até 1995, altura em que beneficiou de uma ampliação, passando a integrar o Maciço Central – ou de Los Urrieles – com o cume mais elevado dos Picos (Torrecerredo, 2648 metros) e onde se situa o mediático Naranjo de Bulnes (2519 metros) e o Maciço Oriental, também conhecido por Andara.

O Parque Nacional Picos da Europa, como é designado desde esta ampliação, abrange uma superfície de 6466 quilómetros quadrados e é caracterizado pela sua pedra «caliza» (calcário), durante 300 milhões de anos moldada pelo gelo de várias glaciações e pelos rios que agravaram as depressões que delimitam os três maciços. O Sella escavou Los Beyos, o Dobra, seu afluente, corre pelo canhão por onde andámos, o Deva aprofundou o Desfiladeiro de La Hermida e o Cares perde-se na Garganta Divina, aberta entre as povoações de Posada de Valdeón, a sul, e Poncebos, a norte.

Neste espaço de alta montanha – onde a proximidade do mar cria grande instabilidade das condições atmosféricas, com o surgimento de tempestades bruscas e nevoeiros intensos – refugiam-se animais e plantas que sobrevivem melhor em relevos igualmente agrestes. Águias-reais, grifos, abutres do Egipto, várias espécies de pica-paus, de gralhas e de pequenas aves características de habitats alpinos enchem os céus e os bosques dos Picos. Entre os principais mamíferos contam-se o lobo, o corço, o veado, o camurça, o gato-bravo, a gineta e a marta. O Parque é igualmente rico em morcegos, peixes, répteis e anfíbios, confirmado pela presença de trutas, salmões, víboras e diversos tritões alpinos. A faia é a árvore dominante mas, nos bosques ripícolas do fundo dos vales, a biodiversidade revela-se exuberante com a ocorrência de aveleiras, freixos, amieiros, *prunus*, sorveiras, azevinhos e teixos.

De lamentar é o declínio das populações do urso-pardo e do galo-montês, espécies praticamente desaparecidas destas paragens. Um sinal de esperança vem do céu, com os esforços que se desenvolvem para fazer regressar ao tecto da Cordilheira Cantábrica o singular quebra-ossos. O veneno que ainda se lança, principalmente contra o lobo, é o principal obstáculo a este processo.



Fonte: Espacios Naturales Gobierno del Principado de Asturias

2º dia - 29 de Novembro

LAGO ENOL - BOSQUE DE POME - PIEDRAS NEGRAS - LAGO ENOL

A neblina da manhã já se dissipou quando atingimos a margem do Enol. Mas não é apenas o espelho de água do lago que reflecte a luz intensa desta manhã de Outono. Para lá dos prados que nos rodeiam a perder de vista, erguem-se os pináculos nevados do Maciço Ocidental. Acima deles, um céu azul remata um cenário que só uma imaginação fértil conseguiria idealizar.

Está mesmo frio. Um pouco à frente deixamos o carro e partimos para uma nova abordagem ao Dobra. Apostamos bastante nesta segunda aproximação. Do Mirador D'el Rei temos a primeira perspectiva do Bosque de Pome. Primeira, nesta viagem, porque quando para ele descemos, a cortamato, recordo-me de uma incursão feita há uns anos e das fantásticas observações de fauna que no ambiente mágico deste bosque antigo fui presenciando. As faias, algumas enormes, estão despidas, mas os azevinhos apresentam-se na fase mais exuberante do ano, alguns carregados de bagas vermelhas. Já bem mergulhados no silêncio desta velha mancha florestal, nem vivalma. Sentimos a montanha por nossa conta. Aproximamo-nos da confluência dos rios Pomperi e Pelabarda. O som das suas águas tumultuosas ecoa pelas paredes verticais entre as quais se foram afundando ao longo dos tempos. O primeiro curso de água vamos atravessá-lo a vau, depois de descermos uma encosta bastante inclinada na sua margem direita.

Do fundo do desfiladeiro o campo de visão é

substancialmente reduzido, mas a dimensão da montanha que os nossos olhos daqui enxergam variou no sentido inverso. Estamos sobre o leito do Pelabarda no meio de uma pequena ponte pedonal e de um mundo indescritível. A temperatura não anda muito longe dos zero graus. Mas o desnível que vamos vencer a seguir leva-nos inconscientemente a despir os forros polares e as luvas.

Temos que sair do canhão trepando a vertente da margem direita do curso das águas que acabamos de atravessar, agora misturadas e que, cada vez mais fundas, se aprestam do Dobra, onde irão desaguar. É desta confluência, conhecida por Mecedura de Los Rios, que também pretendemos aproximarmo-nos. A meio caminho, a estas águas ainda se vão juntar as de um outro afluente, na margem esquerda. A adrenalina cresce só de imaginar a espectacularidade dos abismos que sabemos aí existirem e que os mapas confirmam.

Pouco subimos ainda quando saímos da sombra. O trilho é muito inclinado, com tramos escorregadios devido à lama molhada, óptima para ler as pegadas das camurças, raposas, javalis e outros animais que nos antecederam nesta passagem. Vários dejectos confirmam-no. Até que a encosta se suaviza. Olhamos para trás. A vista é soberba: o Bosque de Pome em toda a sua extensão rodeado pelas gargantas que atravessamos, rematados por cumes gelados para lá do Refugio de Vegarredonda! Sobre nós paira um milhafre-real. Seguem-

se gralhas-de-bico-vermelho. Camurças assomam a diversos cumes recortados na linha do horizonte.

Torcemos à esquerda pela encosta da margem direita do Pelabarda, em direcção às Piedras Negras (1085 metros). Do lado de lá do rio abrem-se as profundezas por onde corre o Jungumia. As expectativas não são defraudadas. Penhascos cortados a pique sucedem-se em gigantescos barrancos inacessíveis. No fundo destes, Los Cabritaes continuarão um mito não violado. Um bosque quase vertical cobre uma face da montanha, do cume até ao rio! Ninguém o deve ter pisado. Grifos pairam sobre ele. A Pena Santa lá está mais uma vez, a rematar as alturas. Cheia de neve, envolta na bruma.

Já perto das Piedras Negras afugentamos um javali, enfiado num buraco a cinco metros de nós. O desfiladeiro do Dobra é agora visível. Mas dele já não nos acercamos mais. Nem sequer podemos regressar pelo mesmo trajecto. A tarde vai avançada e o percurso que fizemos ao longo do dia envolve alguns riscos, se percorrido de noite. Escolhemos um caminho de retorno mais fácil.

A coruja-do-mato – por duas vezes – e um céu carregado de estrelas animam o nosso trajecto, parte dele sobre a estrada de acesso ao Lago Enol, que começou a gelar. Um grau negativo, marcam os termómetros dos nossos relógios quando chegamos ao carro.



^ Lago Enol



^ Rio Pelabarda

3º dia - 30 de Novembro

AMIEVA - LOS REDONDOS - AMIEVA



O esforço desta abordagem é dispendido numa única encosta. Quase de um só fôlego vencemos os cerca de 650 metros de desnível que separam a cota 600 a que se encontra a aldeia de Amieva, de onde partimos, e a cota 1245 a que se encontram Los Redondos, um cume no topo da encosta da margem esquerda do Dobra mesmo defronte da foz do rio Pelabarda (Mecedura de Los Rios) e das Piedras Negras até onde ontem caminhamos, na sua margem direita.

O dia começou com um céu praticamente limpo. Prados de um verde vivo contrastam com bosques em tons dourados já muito parcos de folhas. A compor o cenário, há neve nos cumes, muito bem definidos pelo recorte nítido que um dia límpido de Outono propicia. Mas à medida que a jornada foi avançando o céu encheu-se de nuvens, confirmando a previsão. Um bando de grifos silenciosos paira acima de nós. Deles vamo-nos aproximando à medida que ganhamos altura. E de que maneira! Deles, e de ruidosas gralhas-de-bico-vermelho e gralhas-de-bico-amarelo. Um corvo passeia-se transportando no bico o que nos parece ser uma pedra.

Vencida a íngreme encosta surgem-nos as primeiras paredes verticais do Desfiladeiro do Dobra. Brancas, de faces lisas. Para lhe vermos o fundo, naquele que é o troço mais escarpado deste canhão, descemos um pouco a vertente. Não andamos muito até que o leito do rio nos surge, umas centenas de metros abaixo dos nossos pés. A grandeza desta perspectiva aérea é de sustar a respiração! A montante localizamos a zona de Carombo onde atravessamos o rio no primeiro dia. À nossa frente as fantásticas escarpas do Jungumia, hoje numa outra perspectiva e, mais atrás, o Bosque de Pome, ontem atravessado. Por momentos, a neblina que envolve os cumes gelados descobre, deixando-nos ver os contrafortes, da Pena Santa de Castilla. É nesta altura que é colocada a «cereja no bolo»: duas águias-reais elevam-se pairando contra uma encosta nevada, mais a montante. Um remate fantástico para os três dias em que, em outras tantas abordagens, cercamos o troço mais abrupto do canhão do Dobra.





DEFESA DA NATUREZA TEXTO E FOTOS - Paulo Santos

PROBLEMAS PARA conservação da natureza

O binómio «utilização sustentável» versus «exploração (quase) sem restrições» pode ser observado em tantos exemplos no nosso país que achámos por bem escolher para análise um exemplo do outro mundo. Melhor, do outro lado do mundo, a Austrália. Neste caso, estão fortemente imbricados problemas de Conservação da Natureza, nomeadamente na Grande Barreira de Coral, bem como problemas de exploração de valiosos recursos (camarão).

Expliquemos melhor. Não foi por acaso que a Grande Barreira de Coral foi inscrita (em 1981) pela UNESCO na lista dos locais considerados de Património Mundial. Foi por constituir um exemplo extraordinário de uma estrutura representativa da evolução na Terra, possuindo processos biológicos complexos e habitat significativo para a conservação da diversidade biológica, entre outros motivos.

Este grande sistema, considerado por muitos como o maior ser vivo do planeta, tem na base milhões de pequenos animais chamados pólipos, que vivem colonialmente e vão formando lentamente o recife, tendo iniciado a obra há milhares de anos. Os recifes e ilhas de coral estendem-se por 2000 km ao longo da costa leste australiana e caracterizam-se por ser um dos locais do planeta

com maior biodiversidade, serem ricos em espécies endémicas (que só aí existem) e por terem uma produtividade elevadíssima, principalmente se comparada com a produtividade das zonas marinhas envolventes. Os recifes, com mais de 350 espécies de corais, proporcionam abrigo e alimento para muitas outras formas de vida, entre as quais mais de 1500 espécies de peixes, 4000 espécies de moluscos, 400 espécies de esponjas, para além de muitas algas, anémonas, estrelas e ouriços, caranguejos e camarões, tartarugas e golfinhos. Milhares de aves vivem nas ilhas, suportadas pela elevada produtividade do ecossistema.

A Grande Barreira de Coral está ameaçada por um vasto conjunto de factores que têm sido identificados por cientistas e por ONG de ambiente. Entre estas, a poluição do mar com origem em fontes variadas (de terra, dos navios, da atmosfera, etc.), alterações climáticas e algumas práticas de turismo não sustentável são há muito apontadas. A acumulação de factores tem provocado a morte do coral em largas áreas. Outro factor negativo, a captura excessiva de organismos marinhos, tem sido igualmente referido. Dentro desta categoria, é de destacar a captura de peixes considerados ornamentais, para exportação para os mercados ameri-

cano, europeu e asiático. Este fenómeno foi recentemente agravado após a exibição, nos circuitos mundiais, de um conhecido filme de animação sobre o peixe-palhaço e o recife de coral. Ao invés de contribuir para a conservação e para o desenvolvimento de melhores práticas ambientais, o fenómeno provocou uma explosão no comércio de peixes ornamentais, ao contrário da filosofia exposta no filme, o que mostra que a mensagem não chegou aos destinatários. No entanto, não são estes os problemas que motivam este texto, mas sim outro grave factor de degradação dos sistemas de coral, que é a pesca do camarão.

Apesar dos esforços de regulamentação a que têm sido sujeitos nos últimos anos, e apesar dos melhoramentos tecnológicos das redes de pesca, esta exploração tem contribuído de forma assinalável para a degradação dos recifes de coral.

A captura de camarão (não uma mas várias espécies) efectua-se essencialmente com redes de arrasto pelágico, isto é, grandes redes que são rebocadas na água mas que, geralmente, não chegam ao fundo. Para capturar organismos tão pequenos como os camarões, a malha da rede é bastante apertada, com losangos de cerca de 1 cm de lado.



A nos recifes de coral

Os locais preferidos para lançar as redes situam-se junto dos recifes de coral, o que tem como consequência, e em função da malha muito apertada, a captura de grande quantidade de outros organismos, a maioria deles sem qualquer valor comercial, e uma parte significativa de juvenis de algumas espécies que são capturadas na sua fase adulta. A porção destes organismos, denominada «captura acessória», chega a atingir um nível exorbitante de 80% da biomassa capturada. Apesar de rejeitados para o mar, a mortalidade causada a estes organismos é enorme. De facto, segundo as estatísticas da FAO (Food and Agriculture Organisation), a pesca de camarão (na Austrália e em todo o mundo) é a que provoca maior percentagem de capturas acessórias em todo o mundo, o que mostra o seu carácter devastador. Se relacionarmos esta percentagem com as cerca de 30 mil toneladas de camarão declaradas oficialmente pelas autoridades australianas, às quais se soma uma quantidade impossível de calcular devido à actuação de frotas piratas de países asiáticos em águas australianas, apercebemo-nos da dimensão do problema.

Para além deste aspecto realmente negativo, as operações de pesca são ainda responsáveis por danos directos nos recifes de coral, provocando a

quebra dos mais frágeis, por contacto com as redes, os cabos ou as âncoras.

No entanto, o factor negativo mais mediático associado à pesca do camarão tem sido a morte de tartarugas, que ficam presas nas redes e se afogam. Foi este aspecto que levou à introdução de medidas destinadas a proteger estes répteis marinhos. Essas medidas consistem na introdução de painéis deflectores e janelas nas redes de pesca, de modo a que as tartarugas sejam capazes de se libertar da rede, reduzindo eficazmente a mortalidade. Apesar deste relativo sucesso, o uso destes dispositivos só é obrigatório em parte da frota australiana e os barcos piratas não os têm.

Este conjunto de ameaças levou as autoridades australianas a um longo debate com vista a estabelecer medidas mais eficazes para a protecção dos corais das actividades de pesca. Como resultado, iniciou-se uma forte limitação à introdução de novos barcos na pescaria, condicionando-a ao abate prévio de duas embarcações existentes por cada novo barco. Planeia-se ainda, para breve, a interdição completa do acesso dos barcos camaroeiros às zonas do recife de coral, pelo menos nas áreas mais sensíveis da Grande Barreira.

Algumas vezes se levantaram contra estas medi-

das restritivas, referindo os proventos económicos elevados provenientes da pesca do camarão. No entanto, esquecem os entraves de países ocidentais à importação de camarão proveniente de zonas que não usam tecnologia adequada e esquecem ainda que existem alternativas. De facto, a exploração turística da zona dos recifes tem-se desenvolvido nas últimas décadas. O estabelecimento de apertadas regras para o turismo nessa área não impediu o desenvolvimento de um turismo mais respeitador do meio ambiente, que sustenta uma multidão próspera de pequenas e grandes empresas que fornecem serviços ao turista. Entre as mais populares, o mergulho e o «snorkelling» permitem a observação da vida nos recifes de perto.

As verbas envolvidas são enormes e proporcionam muitos postos de trabalho e, muito importante, revertem em parte para a Conservação do recife, quer para operações de limpeza, quer para vigilância.

Em conclusão, tudo aponta para que a utilização sustentável deste importante recurso biológico, património da Humanidade, seja o caminho a seguir e temos esperança que o governo australiano tenha a coragem para tomar as medidas adequadas para a Conservação da Grande Barreira de Coral.



CAMPANHA DE SALVAMENTO DE TARTARANHÃO-CAÇADOR

DEFESA DA NATUREZA TEXTO E FOTOS • João Carlos Claro

VULNERABILIDADE DAS POPULAÇÕES DE TARTARANHÃO-CAÇADOR EM MEIO AGRÍCOLA

O Tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*) é considerado a ave de presa mais representativa dos campos agrícolas da Europa ocidental e constitui um caso exemplar da necessidade de compatibilização entre conservação da vida silvestre e a actividade humana em áreas rurais. Nidificante no solo, originalmente associado a biótopos naturais ou seminaturais (estepes, pauis, estuários, charnecas e incultos), esta espécie tem vindo a utilizar com maior frequência os biótopos agrícolas (searas e forragens) em resultado da decrescente disponibilidade do habitat original, sobretudo na região mediterrânica. As fases de incubação e de desenvolvimento dos juvenis são geralmente coincidentes com as actividades de colheita, resultando na perda de posturas e mortalidade de juvenis, que podem ser muito elevadas (50-100%) em algumas áreas. Na Península Ibérica e em França, que no seu conjunto albergam mais de 80% dos pares reprodutores da Europa ocidental, a maioria dos ninhos encontram-se particularmente vulneráveis ao corte de forragens e actividade de ceifa de cereais.

Em França, o Fond d'Intervention pour les Rapaces dinamiza anualmente, desde a década de oitenta, uma campanha nacional que mobiliza centenas de voluntários, permitindo o salvamento de cerca

de mil ninhos (25% da população nacional). Em Espanha, há mais de 10 anos que existem vários grupos de trabalho dedicados à conservação desta espécie, muitas vezes financiados pela administração de diversas comunidades autónomas, as quais também intervêm directamente junto dos agricultores, indemnizando-os pela manutenção de áreas por ceifar. Em ambos os países, diversos centros de recuperação estão preparados, durante a época da ceifa, para acolher um elevado número de juvenis de Tartaranhão-caçador e proceder à respectiva libertação logo que alcancem a capacidade de voo.

Esta não é infelizmente a realidade portuguesa, onde está quase tudo por fazer na conservação desta espécie. Espera-se que esta situação comece a ser alterada com a dinamização pelo FAPAS de uma campanha de salvamento de ninhos e sensibilização da população rural para a conservação desta espécie, em parceria com o Instituto da Conservação da Natureza e integrada no projecto transfronteiriço de conservação de fauna ameaçada (FAUNATRANS – Interreg III), que teve início este ano.

CAMPANHA DE SALVAMENTO DE NINHOS NAS PLANÍCIES DE ÉVORA E CASTRO VERDE

A presente intervenção foi efectuada, em 2004, numa área com 12890 ha que coincide em parte com a Important Bird Area de Évora (classificada segundo os critérios da BirdLife International) e na

Zona de Protecção Especial de Castro Verde (83579 ha), que é parte integrante da Rede Natura 2000 nacional. Na zona de Évora o trabalho de campo decorreu entre Março e Agosto, enquanto na zona de Castro Verde só foi possível acompanhar a actividade de ceifa nos meses de Junho e Julho, desconhecendo-se a percentagem de ninhos predados precocemente e o impacte do corte de fenos nesta população.

Foram controlados 22 ninhos na planície de Évora e 45 ninhos no campo branco de Castro Verde, correspondendo à totalidade da população nidificante na primeira zona e a cerca de 50% da população estimada para a segunda. Constatou-se que uma proporção significativa dos ninhos (45,5% em Évora e pelo menos 42,2% em Castro Verde) foram perturbados pelo corte de fenos ou pela actividade de ceifa durante a fase de incubação ou antes dos juvenis alcançarem a capacidade de voo. Contudo, estes valores poderiam ter sido superiores não fossem as baixas temperaturas registadas em Fevereiro e no início de Março, que determinaram algum atraso no desenvolvimento vegetativo dos cereais, pelo que estes foram ceifados mais tarde do que é normal, possibilitando o voo de muitos juvenis.

A metodologia de salvamento dos ninhos de Tartaranhão-caçador foi comum às duas regiões. Estes foram localizados, sempre que possível, antes do corte da vegetação e devidamente sinalizados por



DE NINHOS AO-CACADOR NO ALENTEJO

estacas em madeira. Como nota positiva, regista-se o facto de ter sido sempre autorizada a entrada nas propriedades e a busca do local do ninho no interior das culturas. Foi também solicitado aos agricultores e operadores das máquinas agrícolas a manutenção de uma área mínima de 10 por 10 metros em torno do ninho, mas infelizmente essas áreas ficaram aquém do desejado, com um valor médio de apenas 18 m². Quando do contacto inicial, os agricultores de um modo geral manifestaram bastante receptividade para colaborarem na protecção dos ninhos de Tartaranhão-caçador, embora muitos considerassem que pouco mais de 1m² seria suficiente, desconhecendo a necessidade de preservarem uma área razoável na envolvência do ninho. Esta circunstância vem reforçar a necessidade de uma ampla campanha de sensibilização e esclarecimento junto da população agrícola, antes do início da campanha da ceifa nas áreas mais importantes para a nidificação do Tartaranhão-caçador.

A manutenção da vegetação em torno do ninho nem sempre evita a actuação de predadores terrestres, pelo que foram experimentadas distintas medidas adicionais, como seja a instalação de cercas eléctricas ou em rede metálica e a colocação de far-

dos de palha. É difícil preconizar neste momento qual método de protecção mais adequado, em face dos resultados obtidos e da reduzida amostragem para alguns deles, sendo necessário prosseguir a investigação nesse domínio.

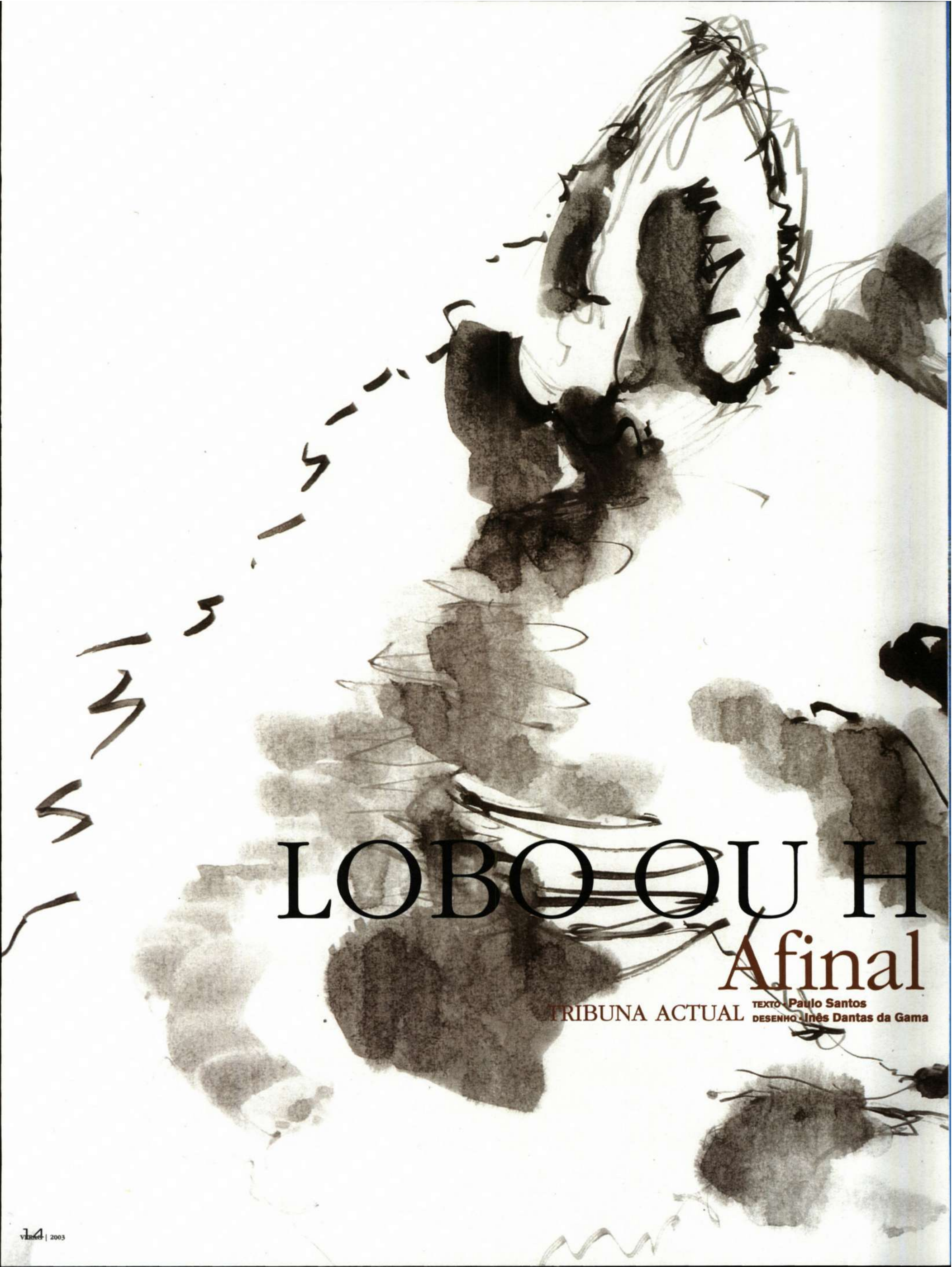
Nos seis ninhos afectados pela ceifa durante a fase de incubação houve perda total das posturas, devido à predação natural ou ao abandono pela fêmea, registando-se um único caso de destruição da postura directamente por máquina agrícola. Nesta circunstância, teria sido desejável a transferência das posturas para um centro de recuperação, de forma a realizar-se a incubação artificial e a alimentação dos juvenis, com posterior libertação na área de nidificação, mas tal não foi possível por falta de infra-estruturas adequadas e de financiamento necessário à contratação de pessoal a tempo inteiro para este fim.

No caso dos ninhos com juvenis, registou-se uma produtividade (nº de juvenis voadores/nº de ninhos controlados) de 0.8 juvenis/ninho em Évora e de 1.9 juvenis/ninho em Castro Verde. Embora estes valores sejam inferiores aos verificados para os ninhos não atingidos pelo corte da vegetação, foi possível garantir, graças a esta intervenção, que um total de

21 juvenis conseguissem alcançar a capacidade de voo.

Em 2005, para além de dar continuidade a esta campanha, em parceria com o ICN e com outras entidades que venham a colaborar, tencionamos coordenar a realização de um censo da população nidificante nas áreas mais importantes para esta espécie, de forma a permitir a monitorização das tendências populacionais e avaliar o efeito a médio e longo prazo das acções de protecção dos ninhos.

É fundamental acompanhar as tendências para a alteração do uso do solo decorrente da última revisão da Política Agrícola Comum, a qual termina com as ajudas directas à produção. Sendo previsível a redução das áreas semeadas com cereal, é necessário apostar na restauração de habitats com vegetação natural. Algumas das medidas agro-ambientais podem e devem ser vocacionadas para a conservação do Tartaranhão-caçador e outras aves estepárias, contribuindo para o reconhecimento público da importância da actividade agrícola sustentável como factor de conservação da Natureza.



LOBO OU H

Afinal

TRIBUNA ACTUAL

TEXTO Paulo Santos
DESENHO Inês Dantas da Gama



E

Em Portugal, o lobo é uma espécie ameaçada, principalmente devido à direcção que tomou a sua co-evolução com a nossa sociedade. Os seus níveis populacionais são bastante reduzidos e, na versão preliminar do Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal, consta com o estatuto «Em Perigo», o que significa que enfrenta um risco de extinção na natureza muito elevado. Tal estatuto deve-se a que se verificou um declínio continuado, em número de indivíduos maduros, e pelo menos 95% desses está em sub-populações geograficamente isoladas, com reduzidas trocas genéticas, isto é, que não ultrapassam um inter-cruzamento viável por ano.

O reconhecimento desta ameaça levou a que fossem elaboradas leis que, funcionando, deveriam contribuir para sustentar o declínio desta espécie e indemnizar os lesados pela actividade predadora dos lobos. É importante que se diga que estas leis derivam de compromissos assinados pelos representantes do nosso país em convenções internacionais destinadas a concretizar medidas que invertam a tendência regressiva da biodiversidade. Pela sua importância, deve ser referida a Convenção de Berna, mais concretamente a «Convenção Relativa à Conservação da Vida Selvagem e dos Habitats Naturais da Europa», ratificada pelo nosso país em 1981 (Decreto 95/81) e que se traduziu, no que diz respeito ao lobo, na Lei 90/88 e no Decreto-Lei 139/90.

A rarefacção das presas naturais deste carnívoro, derivada do excesso de pressão cinegética, da redução de áreas florestadas (não confundir com monoculturas) e da redução de habitat e da fragmentação deste, entre outras causas, levou a que este predador tenha alterado a sua dieta, incorporando animais domésticos, com evidente prejuízo dos criadores de gado.

Os organismos do Estado nunca se empenharam no cumprimento da lei. À face desta, cumprem-se as seguintes tarefas, entre outras:

- punir quem mata lobos, quem os tem em cativeiro ou quem exponha ou venda, mesmo que só a sua pele;
- indemnizar os lesados pelos ataques de lobos ao gado;
- erradicar cães assilvestrados que, pelo seu modo de actuar, se assemelham ao lobo e que, reconhecidamente, são os verdadeiros responsáveis por ataques atribuídos aos lobos;
- providenciar para a recuperação dos ecossistemas de modo a reduzir a dependência do lobo em relação ao gado.

De facto, o que tem acontecido ao longo dos anos tem sido o seguinte:

- impunidade completa para quem mata lobos, a tiro ou com armadilhas, entre outros métodos, ou quem exhibe ou vende peles;
- completo laxismo no que toca à indemnização dos criadores cujo gado foi morto ou ferido por lobos; por vezes, as parcas indemnizações chegam vários anos depois do incidente; muitas vezes, ficam mesmo por indemnizar alguns lesados por falta de evidência de culpabilidade do lobo ou falta de eficácia no sistema de avaliação; também não se faz controlo de cães assilvestrados;
- a recuperação de ecossistemas, nomeadamente ao nível das áreas protegidas, tem sido incipiente e não tem chegado para substituir o que, ano após ano, é consumido pelo fogo; mais grave ainda, persiste-se com investimento não negligenciável na recuperação de edifícios, construção de acessos, miradouros ou de caríssimos sistemas de sinalização, que chegaram já às auto-estradas;
- não tem sido feita uma adequada pedagogia junto dos criadores de gado; de facto, o modo como estes actuam, deixando os animais soltos no monte, muitas vezes sem cães de guarda apropriados, constitui um convite ao lobo para um repasto fácil;
- os pastores e as populações prejudicadas, convictos da ineficácia ou injustiça do Estado, há muito enquistaram numa guerra desleal, fazendo «justiça» pelas próprias mãos, isto é, montam armadilhas, efectuam batidas ilegais, colocam carne envenenada (geralmente com estricnina, que circula com facilidade nos meios rurais) inquinando pedaços de carne que espalham no

OMEM

quem é o proscrito?

Inês Dantas de Gama.

monte, ou colocam veneno nos cadáveres de reses abatidas por lobos, na esperança que eles a ela tornem para consumir os restos e, por sua vez, morram envenenados; chega-se mesmo a simular ataques de lobos para tentar obter melhor compensação financeira, nem que seja com anos de atraso; como consequência deste movimento, para além de matar lobos, o sistema mata ou enfraquece muitos outros animais carnívoros que não se inibem de retirar o seu quinhão aos cadáveres, afectando também espécies ameaçadas como a águia-real.

Os impactes deste estado de coisas, quer de um ponto de vista da Conservação da Natureza quer de um ponto de vista social, são desastrosos. Os organismos do Estado não aprendem com os erros cometidos. Mais, ao perpetuarem o seu *modus operandi*, condenam lobos e outros animais a uma morte horrível e desnecessária, lesiva dos interesses nacionais e contrária aos princípios defendidos pelo mesmo Estado. Ao persistirem numa estratégia errada, ano após ano, década após década, os responsáveis (eu diria irresponsáveis) pelas políticas ambientais deste país têm contribuído tanto para a redução da biodiversidade quanto aqueles que efectuem caça excessiva, aqueles que são responsáveis pelos incêndios florestais, aqueles que efectuem despejos mortíferos para os rios e para o mar, ou mesmo aqueles que desafectam zonas de reserva agrícola e reserva eco-

lógica para construir campos de futebol ou armazéns.

Ao longo dos anos, muitos têm chamado a atenção para estes e outros factos, sem qualquer resposta eficaz. Se os objectivos de salvaguarda da biodiversidade passam pelo dispêndio de verbas, então que sejam assumidas por todos nós. Se é importante que haja lobos em Portugal, então paguemos todos para os ter, através dos nossos impostos, pagando mesmo os casos duvidosos. Não podemos é pedir que sejam apenas os criadores de gado a contribuir para o sustento do lobo. Só com um sistema mais justo e eficaz de indemnizações poderemos almejar a que se reduzam as acções dirigidas contra o lobo, na certeza de que este problema é geracional e que as crispações criadas por décadas de má gestão não desaparecerão com facilidade. Só com uma boa articulação com as populações afectadas poderemos terminar com as recorrentes queixas de aldeões a dizer que «andaram a soltar lobos na serra que me comeram o gado quase todo». Só com apoio didáctico poderemos levar os pastores a guardar o seu gado com cães adequados, fornecidos pelo Estado em condições favoráveis. Só com a recuperação das funções de muitos sistemas poderemos reduzir a interacção dos lobos com o gado.

Só com este conjunto de atitudes (e muita fiscalização!) podemos esperar uma pacificação necessária à manutenção de populações viáveis deste carnívoro, afinal um símbolo ainda vivo.



← Pegada de lobo. Raul Lima ©2004

Já tínhamos visto as imagens, num Encontro sobre esta espécie em Lamas de Mouro, Parque Nacional da Peneda-Gerês (ver **Tribuna da Natureza** nº 17 do Inverno 2004). Foram colhidas na natureza, no seu habitat, revelando uma aproximação aos lobos gradual, engenhosa e paciente. O resultado de três anos de trabalho de campo é surpreendente, inédito em Portugal. O espectador viola a intimidade de uma alcateia na Serra da Peneda, porque o esforço de Pedro Alarcão (fotógrafo) e de Anabela Moedas (jornalista) leva-o até escassos metros dos animais que a compõem, mostrando-

lhe comportamentos difíceis de testemunhar uma vez que são protagonizados por lobos em liberdade, isto é, «verdadeiros» lobos.

Voltamos ao tema porque a RTP1

emitiu, no passado dia 11 de Novembro de 2004, um documentário – da autoria de Jacinto Godinho – baseado nestas imagens, contando a história dos lobos e a forma como dois apaixonados pela espécie as obtiveram. O lobo injustiçado precisa que se contem histórias verdadeiras como esta. O nível de audiências obtido pelo filme «A vida secreta dos lobos» e as múltiplas reacções positivas que o mesmo suscitou fazem-nos crer que se fez justiça. Pelo menos, um pouco de justiça, já que a incompreensão manifestada pelo homem perante um dos mais fantásticos animais da nossa fauna é tão grande que muitos mais programas como este se impõem. Por tal, não apenas os autores estão de parabéns. Também a RTP os merece pela boa hora (até em termos de horário, cerca das dez da noite) em que o transmitiu. **MDG**

A PROPÓSITO DOS LOBOS, um filme sobre a sua vida secreta.



† Cassiopeia. Câmara digital compacta, a 19.2mm (equivalente filme 35mm: 93.5mm) f/4.3, 400 ISO, 15s de exposição, câmara fixa. ©2004 Raul Lima

Cassiopeia estará do lado oposto relativamente à estrela Polar, i.e., parta da Ursa, encontre Polaris e continue na mesma direcção até encontrar Cassiopeia.) À medida que avança a estação, o deslocamento de Cassiopeia de noite para noite faz-se da direita para a esquerda, Este para Oeste. α Cassiopeia é uma estrela gigante amarela de magnitude 2.2, a uns 120 anos-luz do Sol. β Cas uma estrela branca de magnitude 2.3, a um terço daquela distância. ϵ , σ e ι são três fáceis estrelas duplas, visíveis com um pequeno óculo ou telescópio.

Cassiopeia é a lendária rainha da Etiópia, mulher de Cepheu, pais de Andrómeda. A constelação pretende representá-la sentada num trono e está inserida numa região rica da Via Láctea, «(...)a Via luminosa, à flor dos céus, Rasto de espuma, efémero, brilhando...» (Marânus, Marânus no Outono, Teixeira de Pascoaes). Percorrê-la com um binóculo quase faz com que nos percamos nas primeiras vezes em que a observamos, tal a miríade de estrelas e de pequenos enxames. Identifiquemos os mais importantes: prolongue uma linha que, de α , passa por β Cas, numa distância igual à que separa estas duas estrelas. Encontrará o enxame aberto M52 (ou NGC7654, não apresentado na fotografia), cerca de 120 estrelas brilhando, sendo a magnitude do conjunto de 6.9. Fácil, com um binóculo. De um local escuro (i.e., com reduzida poluição luminosa e numa noite sem luar) poderá ver outro enxame aberto, NGC7789. Entre δ e ϵ (v. fotografia) encontrará mais dois enxames, NGC663 e M103 (NGC581), ambos de magnitude aproximadamente 7.

ESBOÇOS DE OUTONO

Um exercício que ajuda a mais rapidamente fixar os objectos celestes tais como aglomerados abertos, aglomerados globulares ou nebulosas consiste em representar, num caderno ou folha de papel, a sua posição relativamente às principais estrelas das constelações. Comece por representar a constelação visível a olho nu e, com o auxílio do binóculo, a posição relativa dos objectos celestes que for encontrando nessa constelação. Não se preocupe em nomeá-los, de início, e seja o mais rigoroso possível no posicionamento dos objectos. Tire notas sobre cada um desses objectos (forma, cor – se alguma –, número de estrelas que o constituem – se se tratar de um enxame –, facilidade em observá-lo com o instrumento óptico que utilizou, condições atmosféricas, poluição luminosa e outros elementos que ache relevantes). Para poder ver o que desenha sem ficar encandeado, utilize uma lanterna coberta com folha de celofane vermelha ou uma lanterna cuja fonte de luz seja um led vermelho (se tiver algum «jeito de mãos», poderá adaptar uma vulgar lanterna de 3 V e substituir a lâmpada original por um led vermelho, que encontrará em qualquer casa especializada em electrónica. É uma solução económica e eficaz).

Quando der por concluída a tarefa de representar os objectos, compare o que representou com um mapa celeste que indique os objectos do céu profundo (alguns já apresentados nesta e em anteriores edições da **TN**) e poderá, então, nomeá-los. Na noite seguinte volte a observar o mesmo local e compare com o que representou. Já sabe, agora, de que objectos se tratam. Poderá, também, acrescentar algum pormenor que lhe tenha falhado na véspera. Interrogar-se-á o leitor acerca da utilidade de tal tarefa, visto existirem inúmeros e pormenorizados mapas celestes e fotografias cobrindo todo o firmamento. E a resposta é que o céu não é, como se sabe, imutável: conhecendo-se ao pormenor as estrelas e os objectos celestes de uma dada constelação, qualquer objecto novo que aí surja – cometa, asteróide, nova, supernova, estrela variável – será imediatamente reconhecido pelo observador. Com este propósito, Charles Messier catalogou, na segunda metade do século XVIII, 103 objectos celestes que, à primeira vista, poderiam ser confundidos com cometas (registre-se que nem todos os 103 objectos da primeira edição desse catálogo, mais tarde com 110 entradas, foram descobertos por Messier; outras conhecidas curiosidades desse catálogo serão mais tarde abordadas em oportuna **À hora do mocho**). É também desta forma que os astrónomos amadores mais experientes conseguem descobrir cometas: com uma enorme dose de sorte mas também com um imenso conhecimento do céu, memorizando a posição de milhares de estrelas e de outros objectos celestes. Quem sabe se o leitor não será um dos próximos descobridores de um cometa? A concorrência é grande, mas há coisas mais difíceis. Não acredita? Então tente convencer os responsáveis pela área do ambiente de que é preciso investir na conservação da Natureza, protecção de habitats e fauna selvagem, vigilância em áreas protegidas, reflorestações, ... E agora, já acredita?

CONSTELAÇÃO DO TRIMESTRE: CASSIOPEIA

O famoso W (ou M, dependendo da forma como para ela se olha) definido por cinco das estrelas de Cassiopeia é uma das mais conhecidas figuras do céu boreal, a par das Ursas Maior e Menor. Às nossas latitudes, Cassiopeia é visível durante toda a noite – o W da constelação é, em Portugal, circumpolar, i.e., nunca tem ocaso –, mas no Outono encontra-se bem alta ao início da noite sendo, por isso, fácil encontrá-la. Ao cair da noite vire-se para Norte e encontrará a constelação a cerca de 30 graus (palmo e meio, com o braço estendido) acima de Polaris. Acima, entenda-se: na vertical ou um pouco à esquerda ou à direita, consoante o mês em que a observe. (A Ursa Maior estará, então, um pouco acima do horizonte Norte: se essa referência for útil,

O SISTEMA SOLAR NESTE TRIMESTRE

Os dois planetas interiores, Vénus e Mercúrio (menos brilhante do que aquele), terão uma conjunção muito próxima no início do ano, mas o bailado dos dois planetas começa umas semanas antes: por alturas do Natal, Mercúrio inicia a perseguição a Vénus, conseguindo alcançar o luminoso planeta no dia 13 de Janeiro. Acompanhe nesses dias a inofensiva caçada, pelas 7h da manhã, a ESE e, com um binóculo, descubra os dois no dia 13, já bem perto do horizonte e a menos de meio diâmetro lunar um do outro (ambos mergulham, em Janeiro, em direcção ao Sol, mas Vénus será ainda visível por mais algumas semanas. Será Véspero a partir da Primavera, ao passo que Mercúrio já em finais de Fevereiro será visível após o ocaso do Sol).

Em Janeiro, dispenda-se algum tempo a observar Saturno: ao olhá-lo, imaginemo-nos tripulantes da missão espacial europeia e americana Cassini-Huygens que, por essa altura, o orbita a «poucos» quilómetros. No dia de Natal, a sonda Huygens separa-se da maior sonda interplanetária alguma vez lançada e ruma ao maior satélite de Saturno e segundo maior do Sistema Solar, Titan. Espera-se o retorno de informação relevante sobre a constituição da atmosfera de Titan. Prevê-se também uma detalhada cartografia da superfície em torno do local de alunagem, obtida durante a descida da Huygens na superfície, a 14 de Janeiro de 2005.

O outro gigante, Júpiter, passa a estação em Virgem, um pouco acima de Spica. Não é a melhor época para o observar pois nasce muito tarde.

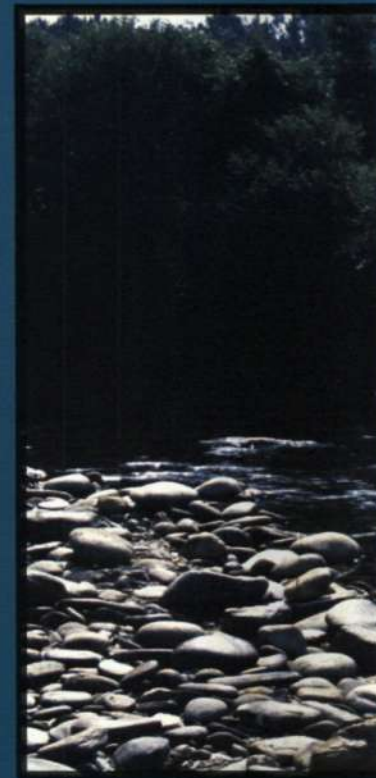
Um visitante que pode proporcionar um interessante espectáculo é o cometa C/2004 Q2 Machholz (Don Machholz é, actualmente, o norte-americano a que mais cometas deu nome: 10). Muito bem posicionado para os observadores do hemisfério norte, será bem visível a olho nu de um local com pouca poluição luminosa. O binóculo trará as melhores observações, porém. À data em que estas linhas são escritas o cometa é já visível a olho nu e possui duas caudas. Prevê-se que no início de Janeiro esteja com o brilho máximo (magnitude 4.1), mas qualquer binóculo permiti-lo-á observar o cometa até Março ou Abril – mas, claro, nessa altura estará muito menos interessante. Para pormenores sobre a órbita e localização do cometa em qualquer data consulte, por exemplo, <http://encke.jpl.nasa.gov/> ou http://www.skyandtelescope.com/observing/objects/comets/article_1396_1.asp.

NATUREZA ACTUAL

ÁREAS NATURAIS

da região do Porto: o verde para lá do betão

PARTE IV - FIM



SERRA DA FREITA E VALE DO RIO PAIVA

Localizada a cerca de 40 kms a sul do Porto, na região de Entre-Douro-e-Vouga, a serra da Freita (1099 m) integrou, a par da serra da Arada (1119 m), a 2ª Fase da Lista Nacional de Sítios da Rede Natura 2000 (Directiva Habitats), sob a denominação de «Serra da Freita e Arada». Com uma área classificada de 28659 ha, o sítio é, reconhecidamente, uma das áreas de maior relevância ambiental da região circundante do grande Porto. Para além de manter um conjunto apreciável de habitats considerados prioritários – com particular destaque para as zonas húmidas, como as turfeiras de altitude, os cursos de água alpinos e charnecas húmidas atlânticas, e para as florestas de caducifólias (carvalhais e florestas de castanheiros) –, alberga um importante património faunístico, do qual se destacam algumas espécies endémicas como o lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*), que tem nesta área montanhosa um dos núcleos reprodutores mais importantes da reduzida população lupina que ainda subsiste na região a sul do Douro (20 a 30 animais), a toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*), o lagarto-de-água (*Lacerta shreiberni*) e a salamandra-lusitânica.

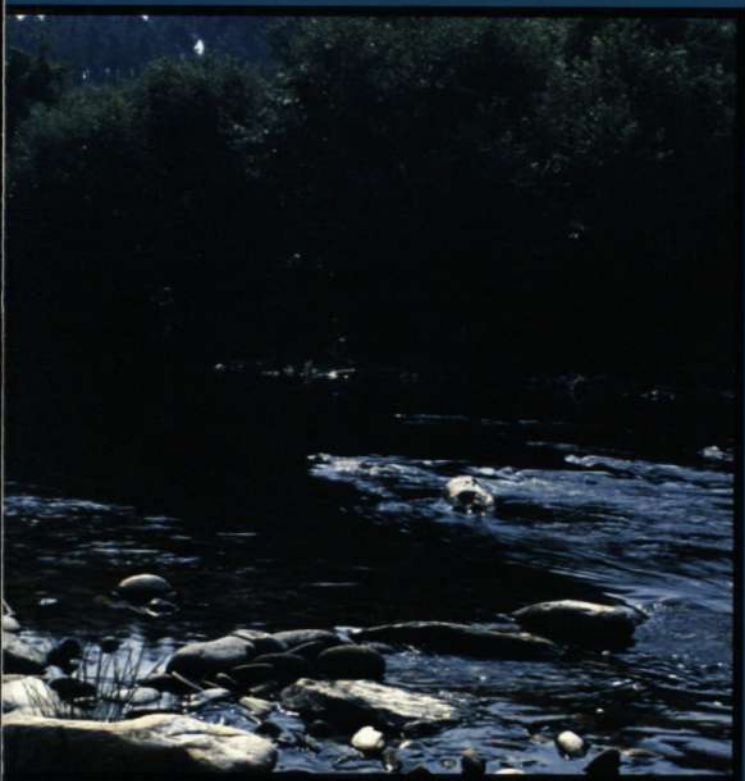
Apesar de possuírem características ambientais próprias, as serras da Freita e Arada fazem parte de um ecossistema montanhoso muito mais amplo e complexo, no qual se inclui, para além das serras do Arestal e da Gralheira – que, juntamente com a Freita e a Arada formam o denominado Maciço da Gralheira, uma cordilheira montanhosa que se estende entre Arouca (Aveiro) e São Pedro do sul (Viseu) em direcção a Castro Daire –, um curso de água de montanha, de média dimensão, de águas rápidas, leito pedregoso e declive acentuado: o rio Paiva. À semelhança da serra da Freita e Arada, o rio Paiva, que nasce na serra de Leomil, próximo de Moimenta da Beira, e desagua perto de Castelo de Paiva, no rio Douro, também foi incluído na 2ª Fase da Rede

TEXTO • Manuel Nunes
FOTOGRAFIA • Jorge Nunes

Natura 2000, ao abrigo da Directiva Habitats (aproximadamente 14500 ha), fazendo ainda parte da rede internacional de Biótopos CORINE.

No ecossistema criado pelo rio, onde sobressai a vegetação ripícola de amieiros (*Alnus glutinosa*) e salgueiros, entremeada por alguns bosques contíguos de carvalho-roble e sobreiros, vivem espécies consideradas vulneráveis, como a boga-comum (*Chondrostoma toxostoma*), o melro-de-água (*Cinclus cinclus*), a lontra (*Lutra lutra*) e a toupeira-de-água, que possuem nesta sub-bacia hidrográfica populações consideradas importantes no contexto nacional. Para além da diversidade ambiental, o vale do Paiva é igualmente importante como corredor ecológico para algumas espécies animais, sobretudo para o lobo, uma vez que permite a continuidade da área ocupada pela espécie, estabelecendo uma ligação natural entre os núcleos lupinos da serra de Montemuro, Freita/Arada, e Lapa/Leomil.

A TOUPEIRA-DE-ÁGUA



A toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*) é um pequeno mamífero insectívoro semi-aquático da família Talpidae, que se distribui pelo norte da Península Ibérica e região pirenaica. Vive em cursos de água corrente e alimenta-se de invertebrados (larvas e insectos aquáticos). É uma espécie considerada ameaçada a nível nacional e internacional, incluída no Anexo II da Convenção de Berna, Anexo II e IV da Directiva Habitats e classificada como «Vulnerável» pelo Livro Vermelho dos Vertebrados (SNPRCN, 1990).

Na região da serra da Freita e Arada e rio Paiva, e de acordo com estudos desenvolvidos no âmbito do programa «Conhecimento e Gestão do Património Natural» (ICN/LIFE), a espécie ocorreria tanto no troço principal do rio Paiva, como nas sub-bacias dos seus afluentes, rios Paivô, Côvo e Ardena, e em vários dos seus cursos de água tributários (ribeira de

Deilão). O facto, para além de comprovar o bom estado de conservação dos vários cursos de água da região, reforça a importância desta área montanhosa para a conservação da toupeira-de-água em Portugal.

PROBLEMAS AMBIENTAIS

A proliferação de monoculturas arbóreas, sobretudo de eucaliptos, e a «invasão» de espécies infestantes, como as acácias (*Acacia* sp.), são problemas graves que afectam quer a área montanhosa da Freita e Arada, quer o vale do rio Paiva, já que a destruição da vegetação autóctone pela introdução de espécies de crescimento rápido, além de empobrecer a biodiversidade local, potencia enormemente a ocorrência de incêndios.

A implementação de pequenos e grandes empreendimentos hidroeléctricos, nomeadamente no rio Paiva, é outra das ameaças que pesam sobre a área, dado que a eventual construção de uma grande barragem eliminará, de forma irreversível, o habitat do qual dependem inúmeras espécies, destruindo para sempre um ecossistema de importância europeia.

SERRA DA ABOBOREIRA

Contraforte ocidental da serra do Marão, a serra da Aboboreira (965 m), que constitui um maciço orográfico pouco extenso e moderadamente acidentado, maioritariamente granítico e com orientação aproximada nordeste-sudoeste, encontra-se delimitada pelos rios Ovelha, Ovil, Fornelo e Douro e repartida, em termos administrativos, pelos municípios de Amarante, Marco de Canaveses e Baião, ocupando uma área com cerca de 105 km² que inclui as zonas de vale no sopé da serra.



A presença de um mosaico diversificado de ambientes naturais, onde áreas cultivadas e intervencionadas pelo Homem alternam com vastas zonas selvagens e desabitadas, é, sem dúvida, uma das características mais notáveis da serra. Ora, um desses espaços naturais, um verdadeiro ex-libris dos habitats da serra, são as manchas remanescentes de carvalhais galaico-portugueses, os últimos do distrito do Porto e dos melhores conservados da região montanhosa Marão/Alvão. Subsistem, sobretudo, em vales abrigados, entre os 700 e 800 m de altitude, e são verdadeiras relíquias da floresta climácica original típica da zona temperada húmida, onde, para além das espécies arbóreas características, como o carvalho-roble, o carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), o sobreiro, o azevinho (*Ilex aquifolium*), o catapereiro (*Pyrus piraster*), e o medronheiro (*Arbutus unedo*), é possível encontrar um importantes conjunto de vertebrados, com destaque para os mamíferos carnívoros – entre os quais o gato-bravo (*Felis silvestris*), a geneta (*Genetta genetta*), a fuinha (*Martes foina*), a lontra, o texugo (*Meles meles*), o toirão (*Mustela putorius*) e o lobo-ibérico (v. destaque, adiante) –, para as aves de presa diurnas, como o açor (*Accipiter gentilis*), o gavião (*Accipiter nisus*), o tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*), a águia-calçada (*Hieraaetus pennatus*) e a águia-cobreira (*Circaetus gallicus*), e ainda para as aves de presa nocturnas (v. destaque, adiante). No que diz respeito aos invertebrados, vale a pena destacar as várias espécies de Lepidópteros (borboletas), algumas das quais raras e ameaçadas a nível europeu, e os

Coleópteros (escaravelhos), entre os quais a espécie *Lucanus cervus*, incluída no Anexo II da Directiva Habitats (92/43/CEE).

Pese embora toda esta riqueza natural, se exceptuarmos o facto dos PDM das três autarquias que tutelam a área expressarem a intenção de «dotar a área em questão de um estatuto particular» – seja como uma «Unidade Operativa de Planeamento e Gestão da Serra da Aboboreira» como refere o PDM de Amarante, seja como «Área de Património Natural», como preconizam os PDM de Baião e Marco de Canaveses – e uma gorada proposta de Projecto de Lei (PL nº 138/VIII), para a Criação da Área Protegida das Serras de Aboboreira e Castelo, com vista à classificação deste espaço como Área de Paisagem protegida, designadamente: Parque Regional da Serra da Aboboreira, apresentada pelo grupo parlamentar do Partido Socialista em Março de 2000, segundo o qual a serra é «(...) detentora de um conjunto de valores humanos, naturais e construídos integrados num ecossistema sensível (...)», dificilmente as entidades competentes (leia-se autarquias e poder central) conseguem disfarçar a indiferença com que continuam a encarar a serra da Aboboreira.

inventariados e intervencionados pelo CASA (Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira) desde 1978, e que constitui uma das mais vastas necrópoles megalíticas do nosso país.

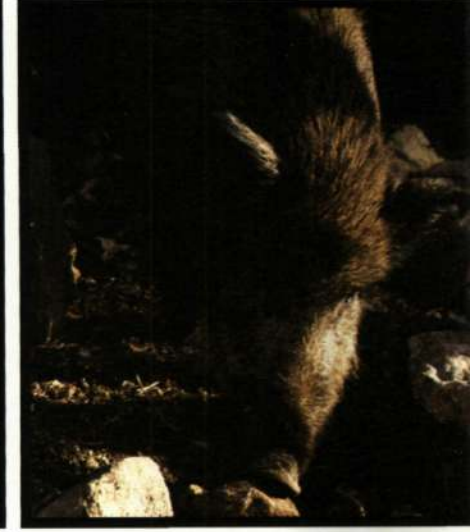
RAPINAS NOCTURNAS DA SERRA DA ABOBOREIRA

Das 7 espécies de aves de presa nocturnas que ocorrem em Portugal (Strigiformes), 6 podem ser encontradas com alguma regularidade na serra da Aboboreira. Destas, vale a pena realçar a presença do bufo-real (*Bubo bubo*), o maior e mais ameaçado mocho europeu que, embora pouco comum, ainda encontra na serra da Aboboreira áreas de habitat favorável – vales encaixados, bosques de Quercíneas e extensas áreas de matagal – onde as presas são relativamente abundantes e a presença humana ainda é reduzida. Para além do bufo-real, ocorrem na Aboboreira outras 5 espécies de rapinas nocturnas: a coruja-do-nabal (*Asio flammeus*) uma espécie invernante, pouco comum no nosso país, embora de ocorrência regular na Aboboreira; o bufo-pequeno (*Asio otus*), uma espécie de ocorrência ocasional nesta área montanhosa, mais frequente durante o Inverno; a coruja-do-mato (*Strix aluco*) e a coruja-das-torres (*Tyto alba*), duas das espécies residentes «cosmopolitas» e, por isso, de mais fácil observação e, sobretudo, audição; e ainda o mocho-galego (*Athene noctua*), um pequeno mocho frequentemente observado durante o dia, pousado sobre rochas, muros ou postes em campo aberto, mesmo nas áreas humanizadas da serra da Aboboreira.

O LOBO-IBÉRICO NA SERRA DA ABOBOREIRA

Perseguido quase até ao seu completo extermínio, o lobo-ibérico, uma subespécie do lobo-cinzento, endémica da Península Ibérica, encontra-se hoje classificado no Livro Vermelho dos Vertebrados com o estatuto de «Em Perigo», estando, por isso, totalmente protegido por legislação nacional (Lei de Protecção do Lobo Ibérico; Lei nº 90/88 de 13 de Agosto e Decreto-Lei nº 139/90 de 27 de Abril) e internacional (Anexo II da Convenção de Berna; Anexo II e IV da Directiva Habitats). Actualmente, o lobo subsiste apenas nas serranias mais isoladas do norte e centro de Portugal, estimando-se que a população ronde os 300 animais, repartidos por dois núcleos distintos: um, mais numeroso e estável, localizado a norte do rio Douro, distribuído pelas regiões montanhosas mais remotas do noroeste e nordeste, e um outro localizado a sul do rio Douro, bastante reduzido, ocupando as áreas de montanha fronteiras ao vale do Douro.

A situação do lobo na serra da Aboboreira é ainda relativamente mal conhecida. A ausência de estudos sis-



PROBLEMAS AMBIENTAIS

A florestação com espécies exóticas, os incêndios que ano após ano empobrecem o coberto vegetal da serra, a pressão da caça e o consequente abate de espécies ameaçadas, constituem, a par da deposição de lixo e entulhos e da abertura de novas estradas e caminhos, as ameaças mais sérias à conservação do património ambiental da serra. Outras, mais subtis, dizem respeito à crescente onda de vandalismo que se tem abatido sobre o património arqueológico da serra, nomeadamente sobre a necrópole megalítica da Aboboreira, uma área arqueológica com cerca de 40 túmulos pétreos

temáticos (foi apenas em 2002 que tiveram início os trabalhos de campo conjuntos ICN/Grupo Lobo para a concretização do censo nacional do lobo, trabalhos esses que se prolongarão até 2003) não permite aquilatar da real situação da população lupina nesta área montanhosa. Porém, tendo em conta informações e dados recolhidos quer durante o censo nacional quer no âmbito de um projecto de investigação levado a cabo pelo Clube de Ambiente e Exploração da Natureza (CAEN) da Escola EB 2,3 de Vila Caiz (Amarante), ao longo dos anos lectivos de 2001/2002 e 2002/2003, crê-se tratar-se de um núcleo lupino pouco numeroso – pese embora a existência de referências que apontam a possibilidade de se ter verificado reprodução neste grupo em anos recentes (1997 e 2001) – e altamente ameaçado, uma vez que se trata de uma população marginal, localizada no extremo sul da área de distribuição da espécie a norte do Douro, separada pelo IP4 dos restantes núcleos lupinos do sistema montanhoso Marão/Alvão e, possivelmente, sem qualquer contacto com a remanescente população localizada a sul do Douro. A pressão humana, a ausência de presas naturais, a diminuição dos efectivos pecuários, a destruição do habitat, mas sobretudo a ausência de uma estratégia concertada de conservação do lobo para esta região, concorrem para esta situação crítica em que se encontram os últimos lobos do distrito do Porto.



a vida selvagem nas quatro estações

TRIBUNA da NATUREZA

SECCÃO	TEMA	PUBLICAÇÃO
Tribuna internacional	No território dos Gorilas da montanha: o regresso da esperança	Nº 1 Inverno 2000
	Sob as asas dos últimos quebra-ossos ibéricos	Nº 2 Primavera 2000
	Reintrodução de espécies: a Natureza de novo?	Nº 2 Primavera 2000
	Em busca dos últimos ursos ibéricos	Nº 4 Outono 2000
	A Europa da Natureza	Nº 5 Inverno 2001
	Bisonte-europeu: uma lenda viva	Nº 6 Primavera 2001
	Cabra-montês	Nº 7 Verão 2001
	Do Couto de Caça Real ao Parque Regional (Serra de Gredos)	Nº 7 Verão 2001
	País Basco: lutar pela Natureza	Nº 8 Outono 2001
	Uma manhã em Doñana	Nº 9 Inverno 2002
	No encaço do mestre carpinteiro dos bosques (Pica-pau-negro)	Nº 9 Inverno 2002
	Natureza em Burgos: losinos selvagens	Nº 9 Inverno 2002
	Madagáscar: paraíso perdido	Nº 11 Verão 2002
	Tristes tigres	Nº 12 Outono 2002
	Foz de Arbayún: uma obra-prima com a assinatura da água	Nº 15 Verão 2003
	Perdidos por Ordesa	Nº 16 Outono 2003
	Parque Nacional de Bialowieza - Numa das últimas florestas primitivas da Europa	Nº 19 Verão 2004
	Parque Nacional de Bieszczady - No coração da Reserva Internacional dos Cárpatos Orientais	Nº 19 Verão 2004
	Desfiladeiro do Rio Dobra - águas profundas no tecto da Cordilheira Cantábrica	Nº 20 Outono 2004
	Natureza actual	A arqueologia e a conservação da natureza
Os parques chumbados		Nº 2 Primavera 2000
Pesadelos de uma noite de Verão		Nº 3 Verão 2000
Os coléopteros do Parque Natural da Serra da Estrela		Nº 3 Verão 2000
A investigação no Parque Natural da Serra da Estrela vista por dentro (conversa com o biólogo José Paulo Pires)		Nº 3 Verão 2000
Litoral português: todas as agressões vão dar à costa		Nº 4 Outono 2000
Fogos devastam últimos redutos naturais		Nº 4 Outono 2000
Colónia de andorinhas destruída em Nisa		Nº 4 Outono 2000
Apontamentos sobre fauna e flora geresianas num documento setecentista		Nº 5 Inverno 2001
Micromamíferos em Portugal: notas sobre a suas distribuição, taxonomia e estatuto		Nº 6 Primavera 2001
Melro-d'água: mergulhador nato		Nº 6 Primavera 2001
Costa Norte de Portugal: onde estão Áreas Protegidas Marinhas?		Nº 7 Verão 2001
O silêncio dos anfíbios		Nº 7 Verão 2001
O regresso do quebra-ossos aos Picos da Europa		Nº 8 Outono 2001
Coruja-das-torres: a rainha da noite		Nº 8 Outono 2001
Não contem conosco... (sobre a conservação da Natureza em Portugal)		Nº 8 Outono 2001
Portugal aberto ao tráfico de animais		Nº 9 Inverno 2002
O regresso do caimão		Nº 10 Primavera 2002
Quatro quadros para quatro actores em nove séculos de História nas Serras do Noroeste		Nº 10 Primavera 2002
O líder e a lide		Nº 11 Verão 2002
Alarme pelo linco-ibérico: incúria de Doñana condena espécies raras		Nº 11 Verão 2002
Burros em perigo: raça mirandesa desconhecida		Nº 12 Outono 2002
Fogos apagam Peneda-Gerês: uma situação intolerável		Nº 12 Outono 2002
Extinções em Portugal		Nº 13 Inverno 2003
Petróleo, fuel, nafta e outras vergonhas		Nº 13 Inverno 2003
O mocho que veio do frio		Nº 13 Inverno 2003
Um dia com o SEPNA no Parque Nacional da Peneda-Gerês		Nº 14 Primavera 2003
Linco-ibérico: voltámos a descobrir o rasto do felino em Portugal		Nº 15 Verão 2003
Aves de rapina diurnas no Sul de Portugal		Nº 15 Verão 2003
Os gigantes do Parque Nacional das Sequóias	Nº 16 Outono 2003	
<i>Ginkgo biloba</i> - Um fóssil vivo	Nº 19 Verão 2004	
Áreas naturais da região do Porto: o verde para lá do betão (série)	Nº 16, 17, 19, 20	
Lobo ou Homem: afinal quem é o proscrito?	Nº 20 Outono 2004	
RTP1: a propósito dos lobos, um filme sobre a sua vida secreta	Nº 20 Outono 2004	
À hora do mocho	À hora do mocho	Nº 1 Inverno 2000
	À hora do mocho (poluição luminosa)	Nº 2 Primavera 2000
	Gambozinos extraterrestres	Nº 3 Verão 2000
	Manchas solares	Nº 4 Outono 2000
	Astrofotografia básica	Nº 5 Inverno 2001
	As estrelas e as aves	Nº 6 Primavera 2001
	A quase invisível face visível da Lua em fase	Nº 7 Verão 2001
	Limpidas noites de Outono	Nº 8 Outono 2001
	Binóculos na Astronomia	Nº 9 Inverno 2002
	À hora do mocho (exploração do céu com binóculo)	Nº 10 Primavera 2002
	Medidas para o Verão: 20-8-1	Nº 11 Verão 2002
	Brihios de Outono	Nº 12 Outono 2002
	A contemplação do trimestre	Nº 13 Inverno 2003
	OTL de Verão	Nº 14 Primavera 2003
	O «flash» verde	Nº 16 Outono 2003
	Felinos no céu	Nº 17 Inverno 2004
	O tempo que a luz demora	Nº 19 Verão 2004
	Esboços de Outono	Nº 20 Outono 2004
	Clássicos da natureza	Aldo Leopold
John Muir		Nº 5 Inverno 2001
Henry D. Thoreau		Nº 7 Verão 2001
Robert Hainard		Nº 9 Inverno 2002
Théodore Monod - a paixão do deserto		Nº 10 Primavera 2002
Albert Schweitzer		Nº 11 Verão 2002
Rachel Carson		Nº 12 Outono 2002
Eugene Odum - pioneiro da ecologia dos ecossistemas		Nº 13 Inverno 2003
Joaquim Vieira Natividade (em memória de Manuel Gomes Guerreiro)		Nº 14 Primavera 2003
Audubon 1785-1851		Nº 15, 16 Ver/Out 03
Sigurd Olson 1899-1982		Nº 17 Inverno 2004
Ebenezer Howard - a cidade na natureza		Nº 19 Verão 2004

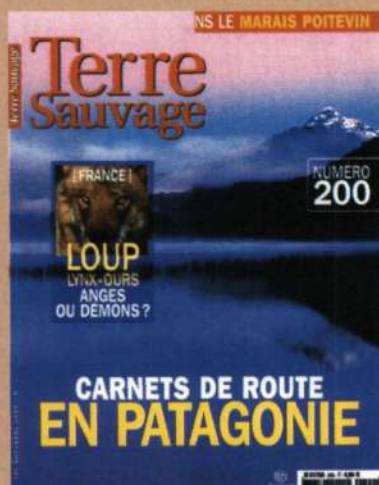
SECCÃO	TEMA	PUBLICAÇÃO	
Opinião na tribuna	Novo Ministério do Ambiente: exige-se uma política de prevenção... a sério	Nº 1 Inverno 2000	
	Luxos gratuitos	Nº 1 Inverno 2000	
	Confronto de ideias: caça e não-caça/regime livre e associativo (opinião de Helena Freitas, Gonçalo Ribeiro Telles, Carlos Pimenta e Júlia Pinheiro)	Nº 1 Inverno 2000	
	Espécies em vias de extinção em Portugal: que prioridades?	Nº 2 Primavera 2000	
	Breve reflexão sobre Conservação da Natureza	Nº 3 Verão 2000	
	Rede Natura	Nº 4 Outono 2000	
	Algumas considerações sobre a Estratégia Nacional de Conservação da Natureza e da Biodiversidade	Nº 7 Verão 2001	
	O ambiente, a agricultura e a conservação da natureza	Nº 10 Primavera 2002	
	O equívoco do turismo nas áreas protegidas	Nº 12 Outono 2002	
	Mais cimeiras pela Terra	Nº 12 Outono 2002	
Estudo da natureza	Fernando Fueyo	Nº 14 Primavera 2003	
	Proteger a natureza desde las ONG	Nº 14 Primavera 2003	
	Mais 3 «éfes» - o fogo, a floresta, o futuro	Nº 19 Verão 2004	
	O lobo no Noroeste de Portugal: a vida de um sobrevivente	Nº 1 Inverno 2000	
	A protecção legal do lobo em Portugal	Nº 1 Inverno 2000	
	Que futuro para o tartaranhão-caçador no Alentejo?	Nº 2 Primavera 2000	
	O grande papel do pequeno rato-do-campo	Nº 4 Outono 2000	
	Situação e notas para a conservação da graiha-de-bico-vermelho em Portugal	Nº 5 Inverno 2001	
	Notas sobre a nidificação da Águia-real na Peneda-Gerês no limiar da extinção	Nº 8 Outono 2001	
	Águia-real no Marão - um valor a salvaguardar	Nº 8 Outono 2001	
Defesa da natureza	Fauna pliocénica na arte rupestre do Vale do Côa	Nº 8 Outono 2001	
	A águia de Bonelli no Nordeste de Portugal	Nº 13 Inverno 2003	
	Cabra-montês no Gerês - uma segunda oportunidade	Nº 14 Primavera 2003	
	Vibora-cornuda: uma espécie desconhecida da herpetofauna mediterrânica	Nº 17 Inverno 2004	
	Áreas protegidas: um tesouro mal guardado	Nº 1 Inverno 2000	
	A Convenção de Washington: tráfico contra a Natureza	Nº 2 Primavera 2000	
	As tenebrosas histórias de tráfico de animais	Nº 2 Primavera 2000	
	O acaso dos rododendros	Nº 3 Verão 2000	
	O Estado português e a necrologia dos animais selvagens (entrevista com Luis Palma)	Nº 3 Verão 2000	
	Linco-ibérico em Espanha e Portugal: os últimos sobreviventes	Nº 3 Verão 2000	
O lento declínio do carvalho galaico-português	Nº 3 Verão 2000		
Os perigos que ameaçam a fauna selvagem: mortes na estrada	Nº 4 Outono 2000		
Os últimos dias antes do Alqueva: alerta pelo Saramugo	Nº 4 Outono 2000		
Salvem os peixes do Guadiana	Nº 5 Inverno 2001		
A propósito do urso-pardo na Peneda-Gerês	Nº 5 Inverno 2001		
Parque Nacional da Peneda-Gerês: do mito à realidade	Nº 6 Primavera 2001		
Parque Nacional 2001: pela mudança na capital da Natureza	Nº 6 Primavera 2001		
A miragem do Alqueva: Governo quer abater um milhão de árvores	Nº 6 Primavera 2001		
Os morcegos e o Homem	Nº 6 Primavera 2001		
A propósito de História e moinhos de vento	Nº 7 Verão 2001		
Ventos de discórdia	Nº 7 Verão 2001		
Esperança para a foca-monge	Nº 8 Outono 2001		
Montanhas - na última fronteira da vida selvagem	Nº 8 Outono 2001		
O povo migrador	Nº 8 Outono 2001		
O acaso da floresta portuguesa	Nº 9 Inverno 2002		
Teixo - o ancião dos bosques	Nº 9 Inverno 2002		
Douro Internacional: paraíso selvagem	Nº 10 Primavera 2002		
Envenenamento ilegal: a agonia da fauna portuguesa	Nº 10 Primavera 2002		
Os Everglades	Nº 11 Verão 2002		
Saca-rabos: um carnívoro desconhecido	Nº 12 Outono 2002		
Quebra-ossos no Sul da Península Ibérica - a peça que falta no puzzle da natureza	Nº 12 Outono 2002		
Azevinhos centenários da Serra da Peneda: a destruição silenciosa	Nº 13 Inverno 2003		
Problemas para a conservação da Natureza nos recifes de coral	Nº 14 Primavera 2003		
Campanha de salvamento de ninhos de Tartaranhão-caçador no Alentejo	Nº 15 Verão 2003		
Nº 20 Outono 2004	Nº 20 Outono 2004		
Ecologia prática	Os desportos radicais e a (des)protecção da Natureza	Nº 1 Inverno 2000	
	Leituras selvagens - Capítulo I: Assinaturas na terra (pegadas)	Nº 3 Verão 2000	
	Leituras selvagens - Capítulo II: Pelo bico cai a ementa (regurgitações)	Nº 5 Inverno 2001	
	Estudos de parasitologia a partir de dejectos do lobo-ibérico	Nº 7 Verão 2001	
	Leituras selvagens - Capítulo III: Por trilhos marcados (dejectos)	Nº 7 Verão 2001	
	Escolha de um binóculo para observação da Natureza	Nº 9 Inverno 2002	
	Fotografar a vida selvagem: uma paixão, uma missão	Nº 9 Inverno 2002	
	Leituras selvagens - Capítulo IV (Conclusão): Pistas, marcas e sinais para seguir a vida animal	Nº 11 Verão 2002	
	Perfil	Nº 11 Verão 2002	
	Félix Rodriguez de La Fuente - uma vida pela natureza	Nº 10 Primavera 2002	
Um dia na montanha com Alfonso Hartásanchez	Nº 10 Primavera 2002		
Tribuna informativa	Reservas biológicas	Nº 1 Inverno 2000	
	Movimento ecologista: Programa LIFE para a conservação do urso-pardo nas Astúrias	Nº 1 Inverno 2000	
	Movimento ecologista: o bairrismo ao serviço da conservação da Natureza (Reserva Ornitológica do Mindelo)	Nº 2 Primavera 2001	
	Tribuna da Natureza	Nº 3, 4, 5, 6	
	Notícias da Cordilheira Cantábrica	Nº 7 Verão 2001	
	Portfólio	O regresso da cabra-montês aos alcantãs da Peneda-Gerês	Nº 1 Inverno 2000
		Efeitos colaterais da caça: mortos por quererem viver!	Nº 2 Primavera 2000
		O carvalho-alvarinho	Nº 3 Verão 2000
		O que é tradicional é bom?...	Nº 4 Outono 2000
		Os últimos dias antes do Alqueva	Nº 5 Inverno 2001
Ícones vivos do Parque Nacional		Nº 6 Primavera 2001	
Sombras selvagens		Nº 7 Verão 2001	
Guia dos répteis e anfíbios		Nº 8 Outono 2001	
Plantas carnívoras		Nº 9 Inverno 2002	
O que será que não vai arder este ano em Portugal?		Nº 10 Primavera 2002	
As estradas do céu	Nº 11 Verão 2002		
Cogumelos e lagartixas	Nº 12 Outono 2002		
Números temáticos	Sabor amargo (número integralmente dedicado ao rio Sabor)	Nº 18 Primavera 2004	

ÍNDICE DOS PRIMEIROS 5 ANOS

TRIBUNA

neste outono em poucas palavras...

RECOMENDAMOS AOS NOSSOS LEITORES o número de Novembro da revista *Terre Sauvage*. Lobos, lince



e ursos-pardos, anjos ou demónios? A eterna ambivalência que o homem manifesta perante espécies selvagens predadoras é desenvolvida em três textos, um retrato para cada espécie, onde também se refere a evolução na Europa destes fantásticos animais e se dá conta da situação actual da suas populações.

ESTA EDIÇÃO DA TERRE SAUVAGE está também de parabéns porque se trata

do número 200, atingido no mesmo momento em que a *Tribuna da Natureza* edita o seu número 20 – publica ainda um extenso artigo, *carnets de route* de uma longa travessia efectuada na Patagónia, nas zonas mais remotas de ambos os lados da fronteira chileno-argentina.

MAIS UM GRIFO EM TERRA DA ÁGUIA-REAL Primeiro de Novembro. No Parque Nacional, prossigo com

o trabalho de seguimento da última águia-real da Peneda-Gerês (ver número anterior da *Tribuna da Natureza*). É dia de Todos os Santos, quem sabe se com o empenho geral é hoje que se vai dar «o milagre». Nesta altura do ano águias imaturas dispersam das áreas onde nasceram, cruzando territórios ocupados por pares adultos. Neste caso, o território em causa é ocupado por uma única águia, isolada desde que desapareceu o outro elemento do casal, já lá vai um ano. O milagre a que me referia seria reconstituir-se uma parilha reprodutora, com o encontro de uma nova águia, dispersante, com esta a que me dedico.

Hoje avistei a «última moicana» logo no princípio do dia, durante escassos minutos. Agora são quatro horas e vinte e seis minutos da tarde. Depois de muitas horas de espera, não voltou a aparecer. Vou iniciar o regresso, porque quase uma hora ainda me separa do carro. Às seis – agora hora de Inverno – será noite cerrada. Neste preciso momento, do lado de lá do rio, surge uma grande ave batendo vigorosamente as asas e pousando pouco depois. Apanhado desprevenido, ainda a capto em voo com a câmara de vídeo. Um grifo! Mais um grifo depois dos cinco que vimos em 3 de Julho deste ano (ver também número anterior da *Tribuna da Natureza*). Pela tonalidade do corpo parece-me um sub-adulto. Mas não é o que mais gostaria de ver. Agora fico com curiosidade de saber se irá passar aqui a noite. E se a águia-real aparecer, vai haver zaragata, ou eu não a conhecesse! Atraso a partida o mais que posso. O grifo mantém-se no mesmo sítio, sobre uma pedra no meio de uma enorme encosta coberta de fetos e tojo. Move constantemente a cabeça.

O tempo passa rapidamente, tenho mesmo que partir, mas vou ainda poder controlar o grifo durante parte do percurso de regresso. O sol apresta-se a desaparecer no horizonte. Estou agora muito mais longe. Por momentos, vejo o abutre caminhando, rápido, sobre a mesma pedra. Não sai de lá. Faltam quinze minutos para as seis da tarde, deixarei de o ver já a seguir, ao iniciar a descida para uma encosta oposta. Mas é quase noite. Fico com a certeza de que o grifo vai pernoitar no Parque Nacional. Quanto gostaria de voltar aqui às primeiras horas de luz de amanhã. Será que a águia-real e o grifo se vão encontrar? Será que o grifo veio só?

Independentemente do enorme significado e do extremo valor de que se revestem para a Peneda-Gerês estes avistamentos de abutres – e que confirmam que a fixação de uma colónia está cada vez mais facilitada, dependendo principalmente da disponibilidade de alimento que o Parque Nacional devia tratar de assegurar para garantir o sucesso do regresso de uma espécie, neste caso com poucos mais encargos do que o custo zero que o retorno das cabras-montês e do esquilo-comum implicaram –, lamento mais esta falsa expectativa. No coração do território da última águia-real, este ano já observámos águia-perdigueira, águia-calçada (avistamentos igualmente documentados no número anterior da *Tribuna da Natureza*), os grifos... Tarda a hora de a observar acompanhada por outra da mesma espécie.

Nestes derradeiros momentos em que ainda subsiste uma ténue esperança de, pelo menos, ser adiada a data em que a águia-real desaparecerá do Parque Nacional, não a vou abandonar.

Miguel Dantas da Gama

FORMATAVA

NATUREZA NOTAVEL

TEXTO E FOTOGRAFIA • Luis Rodrigues • Luisa Marques
Cirurgião de árvores • Bióloga

PINHEIRO MANSO DO LUGAR DO PAÇO

Este belo exemplar de Pinheiro-manso (*Pinus pinea* L.) está situado no Lugar do Paço, freguesia de Sobrado, concelho de Valongo.

Tem 4 metros de perímetro (a 1.3 metros do solo), 20 metros de diâmetro de copa e cerca de 25 metros de altura.

Está classificado como «árvore de interesse público» desde Outubro de 1967.

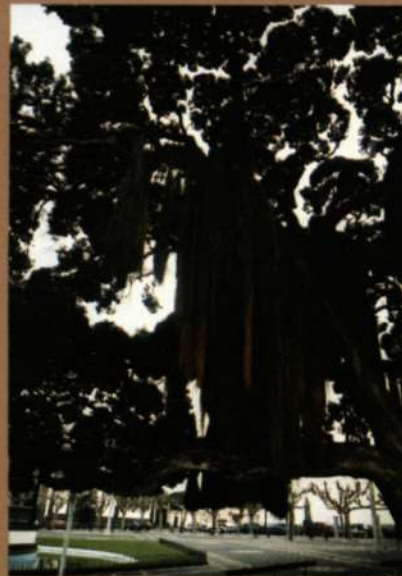
Estima-se a sua idade em cerca de 200 anos e encontra-se em bom estado de conservação, sem factores de perturbação que o possam afectar. Recentemente, em consequência de uma tempestade, partiu um grande ramo, que se encontra suspenso na árvore.



O METROSSÍDERO DE PONTA DELGADA

No Campo de S. Francisco (Largo 5 de Outubro, desde a Proclamação da República, até muito recentemente) ergue-se majestoso, imponente, dominando completamente a paisagem, o Metrossídero mais belo que vi até hoje (e à sua volta há muitos motivos de interesse: a Igreja de S. José, a Igreja do Senhor Santo Cristo, o Mosteiro e Capela de Nossa Senhora da Esperança). A árvore (*Metrosiderus tomentosa*, A.Cunn.), oriunda da Austrália, plantada em 1870 e considerada de interesse público em 28-05-1965, faz parte integrante e essencial da Praça, com a sua copa impressionante em largura, o seu tronco com mais de 4 m de perímetro, as suas raízes epífitas pendentes. Olhando essas raízes, de cor dourada-acastanhada, dir-se-ia que sereias vindas do mar se esconderam nos ramos frondosos,

deixando pender as suas longas cabeleiras ruivas. A árvore que, repito, esmaga a paisagem, tem assistido, muda e estática, a acontecimentos, ora festivos (as importantes festas do Senhor Santo Cristo), ora trágicos. Destes últimos, realço como muito marcante a morte por suicídio a tiro do grande Antero de Quental, um dos mais geniais pensadores em português do séc. XIX, provavelmente de sempre. Quando Antero morreu, ali no «Campo do Metrossídero» (perdoem-me a heresia...), tinha a árvore 21 anos. O poeta partiu ao fim da tarde de 11-09-1891 e, perdido na sua amargura existencial, não reparou certamente que a árvore o observava. No local onde disparou sobre si mesmo colocaram uma lápide. Por ironia, reza: «Esperança».



TRIBUNA da NATUREZA PRÓXIMO INVERNO

- ▶ Gato-bravo: o outro felídeo ameaçado
- ▶ A caça: que sentido?...
- ▶ De vacas e de lobos...

ENCONTROS IMEDIATOS NA NATUREZA

Registo TN 29 Colhereiro (*Plafalea leucorodia*)

Data: 2004.Maio.22
Local: Praia da Aguda, Espinho
Hora e duração: 20h45, cerca de 2 minutos.
Distância: Poucas dezenas de metros.
Condições atmosféricas: Céu pouco nublado.
Observadores: Raul Cerveira Lima.
Outros dados: Um exemplar em voo E-O, vindo de terra, passou por cima do observador, inclinando posteriormente para SO, sobre o mar. Observado com binóculo 8x40.

Registo TN 30 Lebre de Piornal (*Lepus castroviejo*)

Data: 2004.Setembro.24
Local: Cordilheira Cantábrica (Vertente Ocidental).
Hora e duração: Às 16h30, durante breves segundos.
Condições atmosféricas: Neblina a baixar rapidamente, frio.
Observadores: Cláudia Bragada e Miguel Barbosa.
Outros dados: Caminhávamos por um bosque de Faias, aos 1300 metros de altitude, escutando a brama do veado e o som do combate entre machos dominantes que acontecia na orla da floresta. De repente surge no trilho à nossa frente uma Lebre de Piornal (*Lepus castroviejo*), endemismo da Cordilheira Cantábrica, que rapidamente se pôs em fuga.

Os metrossíderos (do grego *metra*-medula e *sidero*-ferro) são conhecidos nas suas terras de origem (Austrália, Nova Zelândia, Malásia Oriental, Ilhas Havaí, uma espécie da África do Sul) por «Árvores de Ferro», «Árvores de Natal da Nova Zelândia» (ali florescem em Dezembro e é fascinante o contraste entre o vermelho intenso das suas flores e o verde das folhas), ou, em linguagem Maúri, «POHUTUKAWA», que significa «Encharcado em Bruma».

Conhecem-se mais de 60 espécies, como árvores de grande porte (*Metrosiderus tomentosa* ou *excelsus*), arbustos (*Metrosiderus robustus*) ou até como Lianas (*Metrosiderus polymorfa*). As flores, geralmente vermelhas (vermelho vivo ou vermelho baço) também podem ser róseas, brancas... Em Portugal, são frequentes o *Metrosiderus tomentosa* A. Cunn. (ou *excelsus* - do latim alto, elevado) e o *Metrosiderus robustus* A. Cunn.

No Porto, podem ver-se nos jardins do Palácio de Cristal e, em grande número, nas Avenidas de Montevideo e do Brasil, na Foz. São plantas espermatófitas, angiospérmicas, da classe das Magnoliópsidas, sub-classe Magnólias, família das Mirtáceas.

A palavra *Metrosiderus* indica o género, *Tomentosa* (ou *Excelsus*) A.Cunn, a espécie.

David Torres

Se possui observações relevantes de espécies selvagens (fauna e flora) ou situações insólitas que as envolvam, escreva-nos, indicando todos os elementos possíveis para a melhor caracterização do encontro. A sua informação, individualmente importante, revelar-se-á mais ainda quando cruzada e confrontada com outras.

A JANELA

ECOLOGIA PRÁTICA TEXTO E FOTO - Raul Lima

Pertenço ao grupo daqueles seres metropolitanos que, podendo, fogem a sete pés da cidade que habitam e se refugiam, nem que por umas horas, num dos poucos espaços naturais que nos restam. Ai, ou nos contentamos com observações faunísticas que, regra geral, registamos, ou, pelo contrário, lamentamos o estado das coisas nos maus dias em que a fauna não se nos mostra. Estes maus dias dão-nos, porém, motivação para continuar a batalhar e gizar formas possíveis de melhorar o ruim estado das coisas.

Quando confinados à metrópole, encerrados num gabinete ou escritório, resta-nos, tendo-a, a janela: óculo de ocasional ócio que nos traz, por vezes, agradáveis surpresas.

É dado adquirido que muitas espécies faunísticas tiveram que se adaptar à vida nas metrópoles (e creio que, mesmo nado na cidade, devo incluir-me – sem complexos – nessas espécies faunísticas e, eles que me perdoem, aos restantes membros daquele grupo de seres metropolitanos que, podendo, fogem a sete pés...). Já não estranhámos, por isso, o encontro na cidade com certas aves ou mamíferos a que nos fomos gradualmente habituando a ver e quase ignoramos. Outras espécies, mesmo que não estranhemos, não só não ignoramos como, talvez de forma egoísta, nos alegra a sua visita (egoísta, sim: que razão estará por trás da sua vinda à cidade? Mais alimento? Ou degradação do anterior habitat?).

Dos «encontros imediatos» caseiros que possuo, observações ou audições enquanto trabalho no escritório do apartamento (perto do Carvalho, Porto) que me separa todos os dias do resto da cidade (e esta do resto do Mundo), destaco algu-

mas que realizei neste ano e que me foram permitindo manter um contacto com a Natureza sem sair de casa (naturalmente, no caso das audições foi a Natureza que esteve em contacto comigo – e eis-me de egoísta a presunçoso). De anos anteriores (entre águia-d'asa-redonda, peneireiro e, noutra escala, papa-moscas fora de época e outras espécies que não pardais – a que muitos cidadãos resumem os mais diversos passeriformes que vêem) retenho principalmente as observações e audições de Coruja-das-torres (*Tyto alba*) que regularmente nos visitava (até há uns três anos, altura em que deixei de a ver ou ouvir). Curiosamente, até um dos meus gatos a conhecia. Descobri-o por acaso, ao procurar sons de aves na internet. Quando o grito estridente da coruja se ouviu no altifalante do computador não foi imediatamente que percebi a razão pela qual o meu gato correu para a janela e olhou ansiosamente para o céu. Repetidas experiências nesse e noutros dias deram-me a certeza de que ele a conhecia. Aliás, ainda hoje o faz. Terá pena, como eu?

Partilho então as mais interessantes observações de rapinas em 2004 realizadas da minha *Rear window*:

Às 18h00 de 2/4/2004, dia de bom tempo com algumas nuvens altas, um fortuito relance pela janela permitiu-me ver um exemplar de Falcão-peregrino (*Falco peregrinus*) em voo, a uns 100-200m. Executou 3 círculos rápidos e desapareceu do campo de visão em voo veloz rumo a Norte, tendo-me dado tempo de o ver com o binóculo 8x40 (que nunca anda muito longe de mim...).

Nos dias 4 e 5 de Abril, audição de Mocho-d'orelhas (*Otus scops*). A 4/4 pelas 20h30, durante

vários minutos, e a 5/4 pelas 23h00, por alguns segundos. Já em finais de Março, em dias que infelizmente não registei, tinha ouvido o seu canto. Qualquer das datas é precoce para a espécie nestas paragens, visto tratar-se duma espécie estival.

Já me daria por satisfeito por, em tão poucos dias, ter estes registos. Mais fiquei quando ouvi um Mocho-galego (*Athene noctua*) piar ao mesmo tempo que o Mocho-d'orelhas no dia 5/4, situação que levou a que este último não mais piasse (digo eu!). Estariam separados por umas duas ou três centenas de metros.

Depois dessa noite e durante muito tempo não detectei o pequeno galego pelas minhas bandas. Mas ei-lo (ou outro, claro) que regressa a 6 de Setembro. E de que forma! Às 6h15 acorda-me do sono dos justos, em voo a muito baixa altitude, piando estridentemente. Dois dias depois, a 8, ei-lo piando às 2h30: hora mais aceitável para a personagem que redige estas linhas – improvável acordar um mais que certo desperto.

E não é que, aos cinco dias do mês de Outubro, às 21h40, dia e noite tristonhos de chuviscos, sou chamado para ir à varanda ouvir uma coruja que, inicialmente, me foi descrita como sendo uma «sei lá, uma coruja normal», daquelas que se costumam ouvir em local onde por vezes descansamos aos fins-de-semana. Nada mais que uma Coruja-domato (*Strix aluco*). Fartinho (nunca!) de as ouvir noutras paragens, eis-me de novo feliz, agora por ouvi-la do centro do Porto. Até às 22h15 o ruído de motores, silvos de pneumáticos no piso molhado, chiar de travões, vozes, foram esquecidos enquanto um dos sons belos de que a Natureza é capaz a eles se sobrepôs.

Nota final: como tentei tornar evidente nem tudo é mau, na cidade. Descobri hoje, aliás, que a Câmara Municipal da minha cidade tem humor. Negro, mas humor. Numa conhecida praça, em majestosas tílias recém-serradas pelo meio do tronco, ramos e parte superior do tronco amontoados no chão, ainda a seiva reluz, à espera que transporte capaz dali os leve, perversos humoristas colocaram previamente em todas elas a seguinte inscrição: «Não estacionar. Trabalhos de poda». De notar que houve o cuidado de não pregar os pequenos anúncios aos troncos mas sim atá-los cuidadosamente, deduzo que para não danificar as árvores...

Ora, ora, para que me incomodo. Há quem faça o mesmo sem humor. E do que eu gosto na realidade é de sair da cidade.

